

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

2169
Trabalhos
Bibliográficos
S15(L6)

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História - INHIS

**Aventuras e desventuras do herói Vaga-Lume: práticas de
leitura infanto-juvenil no ensino fundamental**

2169

S15
(L6)

Narjara Teodoro de Lima dos Santos

2169 S15
(L6)

Narjara Teodoro de Lima dos Santos

**Aventuras e desventuras do herói Vaga-Lume: práticas
de leitura infanto-juvenil no ensino fundamental.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
a obtenção do título de Bacharel em
História, sob a orientação do Professor
Dr. Newton Dângelo.

Uberlândia

2006

Santos, Narjara Teodoro de Lima

Aventuras e desventuras do herói Vaga-lume: práticas de leitura infanto-juvenil ensino fundamental.

Narjara Teodoro de Lima dos Santos – Uberlândia , 2006

79 fl.

Orientador: Prof.Dr. Newton Dângelo.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia , Curso de Graduação em História. Inclui bibliografia.

Palavras-Chave(03): palavra, leitura, poder.

Narjara Teodoro de Lima dos Santos

Aventuras e desventuras do herói “Vaga-lume”: práticas de leitura
infanto-juvenil no ensino médio.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Newton Dângelo – Orientador.

Profa. Dra. Leila Floresta

Prof. Ms. Florisvaldo

Para minha mãe, a primeira tutora de tudo isso que
aqui se encontra

Agradecimentos

Presto meus agradecimentos a todo aquele que esteve comigo no percurso dessa longa e extenuante jornada. Escrever uma monografia não é fácil. Primeiro você deve sentir-se capaz para tanto e devo confessar que demandei certo tempo para que pudesse acreditar firmemente nisso. Nesse ínterim, minha família, amigos, meros conhecidos foram fundamentais, pois acreditavam mais do que eu mesma na possibilidade de que eu concluísse um trabalho desse nível. Trabalho esse que envolve um exercício mais elaborado do que a simples redação de um texto, diz respeito à sensatez e a percepção de uma nova condição: a de historiador (a) na constatação e construção de qualquer saber. Reconheço a importância de ter estudado em uma instituição como a Federal de Uberlândia, tendo em vista toda a grandiosidade das iniciativas aqui encetadas. E não menos importante o instituto de história, o espaço propriamente dito onde adquiri as condições para a execução desse trabalho. Agradeço aos componentes desse pequeno grande mundo, em especial ao meu orientador, responsável direto pela condução e conclusão do trabalho que aqui apresento. A jornada não foi fácil, acreditem, mais aos trancos e barrancos hoje estou aqui, tendo encerrado essa pesquisa e confirmando a crença que todos depositaram em mim.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1 Literatura infantil brasileira: histórico e histórias	
1.1 Um breve parecer dos vínculos entre saberes históricos e literários.....	15
1.2 Literatura infantil no Brasil: um breve itinerário.....	22
Capítulo 2 Série Vaga-lume: um famoso capítulo na trajetória dos livros infanto-juvenis no Brasil.....	38
2.1 História e ficção: os vestígios do imaginário e os contornos da realidade histórica	41
2.2 Livros para lá de diferentes, leituras para lá de movimentadas!.....	45
Capítulo 3 Horizontes da leitura no curso entre as quinta e oitava séries: o mascote Vaga-lume como guia.	55
Conclusão	72
Bibliografia	76

Índice de Ilustrações:

1. Gravura do livro “Aventuras de Xisto”, de Lúcia Maria Almeida	49
2. Gravura do livro Açúcar Amargo de Luiz Puntel.....	50
3. Exemplo de capa traseira dos livros da Série Vaga-lume.....	66

Resumo

Esta monografia pesquisa o exercício da leitura , feita por jovens estudantes, leitores dos livros da coleção Vaga-Lume. A relação livro-leitor é ambientada no espaço escolar, porém, atrelada à realidade cotidiana dos leitores. Todo e qualquer meio social é considerável colaborador para a ocorrência do vínculo entre leitor e livro.

Lidamos com um público tido com alfabetizado, com acesso ao direito à educação, sendo assim poderíamos dar-nos por contentes e deixar de lado questões sociais como a desigualdade social, exclusão da maioria à posse de direitos elementares, segregação social. Porém por conta de análises e estudos compreendemos que não há apenas má distribuição de renda mas também de cultura, aprendizado escolar, formação intelectual holística. Não tratamos detidamente dos trabalhos de Karl Marx e Friederich Engels acerca do materialismo dialético, mas nos rendemos a crença na intrínseca relação entre base e superestrutura, ou seja, na condição determinante que a composição econômica impinge às condições culturais, intelectuais e na mentalidade de uma dada época.

Observamos a prática da leitura no ambiente educacional não só como uma prática tipicamente escolar, mas como uma atividade concatenada ao contexto social do leitor. Pesquisamos o universo da cultura escrita para a infância e seu histórico referente à literatura mundial e brasileira. Remontar os livros da série Vaga-lume a um contexto histórico mais abrangente auxilia-nos no entendimento das causas e justificativas que interferem na produção cultural escrita para as crianças e jovens. A associação entre realidade editorial, escolar e familiar propiciando-nos verificar quais são os valores creditados à cultura escrita e a sua compreensão por conta da leitura. A condição grafocêntrica de nossa sociedade é garantia que todos nós tenhamos efetivo acesso ao pleno exercício da leitura? As instituições, típicas de nossa sociedade, verdadeiramente colaboram para tal habilidade?

Introdução

Os livros, a leitura, sempre foram muito caros para mim. Desde a infância, logo tendo adquirido habilidade de ler sempre estive acompanhada de um livro. A família é o primeiro e decisivo referencial para o ser social, primeiro núcleo de convivência social, notadamente preponderante na constituição de qualquer indivíduo. A figura materna foi contundente referencial a nos apresentar o universo literário. Ela freqüentava regularmente a biblioteca pública do município, sempre nos mostrando os livros e suas incontáveis possibilidades. Esse incentivo em muito contribuiu para estreitar meu vínculo com os livros, apreciando sua leitura e as inúmeras ofertas contidas em seu interior. Portanto é causal o fato de a minha infância ter sido povoada de livros e agora assumir uma prática de pesquisa histórica voltada para a relação sócio-cultural entre livros e homens. E apesar da abrangência que a linguagem verbal escrita pode comportar nosso instrumento por excelência são os livros, em especial os livros escritos para um público formado por crianças e jovens.

A pesquisa em questão envolve-se com essa prática, com o universo dos livros e sua percepção por meio da leitura. A atividade prazerosa, remanescente da infância converteu-se em objeto de pesquisa. Apesar do teor lúdico inerente às atividades de leitura infantis não escapa a observação infantil a importância dedicada aos livros. Minha mãe, em sua postura sempre rígida e envolvida com nossa formação (educação formal e moral) não prestava-se ao esforço de nos induzir à prática da leitura por razões medíocres. Sua formação pedagógica e o exercício do ensino imprimiam-lhe uma crença indissolúvel na contribuição dos livros para a formação de qualquer consciência, coletiva ou individual.

A constituição essencialmente grafocêntrica do mundo que nos cerca conduz a crença na sacralidade dos registros escritos. Monteiro Lobato declarou frase que perma-

nece vigorosa mesmo após décadas de sua emissão: “*Um país faz-se de homens e livros.*” A análise dessa declaração não abre brechas para refutações. Todo e qualquer agrupamento social que apresente certo destaque em sua coletividade de existência tem estabelecida relação direta ou indireta com os benefícios do arcabouço verbal, seja falado ou registrado por grafismos. A semiótica, ciência geral que se ocupa de todas as formas de linguagem, chama atenção para a substancial diferença entre língua e linguagem.

Cumprer notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. O saber analítico que essa língua permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não-verbais, possibilitam.¹

A crença coletiva no poder representado pela escrita, assim constituiu-se em função da tendência em dedicar a essa forma de linguagem um *status* e destaque em relação às outras formas de comunicação. As várias orientações da vida social como a expansão dos programas de alfabetização e da escola pública pública, o desenvolvimento da imprensa a partir da criação de Gutenberg, compõem um ideário difundido pela sociedade. Tal ideário consolida a supremacia da linguagem verbal escrita, sua posse intermediando o acesso aos principais saberes/conhecimentos produzidos pelo homem.

“A escrita constituiu uma codificação da linguagem oral, única forma da língua que é ‘natural’, no sentido de que sua utilização na produção do discurso não requer nenhum procedimento de instrução ou educação.” (CHARTIER, 1996:25). A lin-

¹ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 27.

guagem verbal é habilidade raciocinada, adquirida a partir da associação de mecanismos internos e externos sendo que a exterioridade prevalece no contexto de interiorização de saberes quaisquer (afinal, pode haver todas as condições físicas, psíquicas, porém sem uma condição fomentadora externa nenhum aprendizado ocorrerá ou se dará por protocolo distinto, diferenciando-se do saber tradicionalmente partilhado). O desenvolvimento da linguagem verbal se dá em âmbito individual e social porém a condição coletiva parece sobrepor-se a instância individual, praticamente desconsiderando-a como efetiva, menor.

El language llegó a ser considerado como un sistema fijo, objetivo, y en este sentido como um sistema <dado> que tenía una prioridad teórica y práctica sobre lo que era descrito como <expresiones> (y mas tarde como performance). Por lo tanto, el language viviente que utilizan los seres humanos para sus específicas relaciones sociales em el mundo fue reducido teóricamente a instancias y ejemplos de un sistema que se halla más allá de ellos.²

Precisamos compreender, pois, as diferenciadas e complexas variações de uso da linguagem, atrelando tais usos tanto à condição histórica quanto à social no que diz respeito às consciências individuais. “El language es pues, positivamente, una apertura del mundo y hacia el mundo distintivamente humana y no una facultad discernible o instrumental, sino una facultad constitutiva.” (WILLIAMS, 1977:36). Com isso “Historicizar nossa relação com a leitura é uma forma de nos desembaraçarmos daquilo que a história pode nos impor como pressuposto inconsciente.” (BORDIEU, in CHARTIER, 1996:233). Essa postura questionadora permite-nos vislumbrar os incontáveis e cambiantes usos da linguagem, sem superestimar nenhuma em particular, afinal a diversidade implica proposta de inclusão quanto às formas de comunicação que possam existir.

Da reforma dos séculos das Luzes até as expansões escolares do século XIX,

² WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona, Provenza, 1977, p.40.

cada política educativa estava plenamente convencida disto: ensino da leitura é um meio de transformar os valores, os hábitos dos grupos sociais que são seu alvo” (CHARTIER, 1996:35). Tratando dessa declaração estabelecemos um importante recorte na pesquisa em pauta. A condição grafocêntrica da sociedade implica na participação do registro escrito em praticamente todos os espaços de convivência social, e mesmo nos meios onde prevalece a individualidade. Bem sabemos que sua aquisição não é mecânica, sua posse não se dá sem a intermediação de práticas sociais instituídas. Tais práticas são vivenciadas nos ambientes escolares, detentores da permissão coletiva para atuar junto à formação educacional das novas gerações. Sendo assim o espaço prioritário de nossa pesquisa é a escola, sua atuação junto aos alunos promovendo o aprendizado, em especial da leitura. A opção do estudante do ensino fundamental é por ele ter concluído a interiorização da técnica de ler, ou seja, o processo de alfabetização, contudo ainda por adquirir a posse de um posicionamento consciente, maduro frente o ato de ler e suas decorrências. O leitor alvo da pesquisa vive a fase da adolescência, a alusão a essa faixa etária também diz respeito ao momento de transição do leitor, deixando para trás a infância da leitura (alfabetização) e assumindo uma postura particular frente a tal prática.

Já estabelecida a identidade de nosso leitor e o ambiente fomentador de suas leituras apontamos uma determinada coleção de livros que media a leitura que queremos espreitar. Adotamos uma coleção de livros em particular que contém títulos como **A Ilha Perdida**, **Escaravelho do Diabo**, **Spharion**, **Um rosto no Computador**, **Quem manda já morreu**, trata-se da série Vaga-Lume publicada pela editora Ática, pertencente a um contexto maior, contexto da literatura infanto-juvenil brasileira, com seus inúmeros títulos, autores, editoras, coleções, iniciativas diversas. Remontamos a coleção Vaga-lume a seu devido universo em função de traçarmos os horizontes da produção de livros e os sujeitos sociais envolvidos com tal engrenagem. Com isso buscamos uma maior compreensão da relação leitor-livro, não esquecendo que essa relação necessariamente está atrelada a uma contextualização sócio-histórica. Elementos como a escola, professor, colegas de classe, família, vida em sociedade, ampliação e especialização do mercado editorial no Brasil, propostas educacionais, as diretrizes ideológicas nem sempre perceptíveis para o senso comum são inegavelmente pano de fundo para a referida relação.

Dedicamos o primeiro capítulo a um estudo acerca da literatura infantil no Brasil. Desde já é importante saber da consistente contribuição de enredos europeus nas histórias que contávamos e contamos às nossas crianças. De uma maneira geral tanto no Brasil, quanta na Europa, como também no restante do mundo, durante um período considerável nenhum esforço se dava no intuito de criações intelectuais para crianças. É como se eles realmente não merecessem o esforço ou empreitadas mais importantes exigiam dedicação exclusiva. Somente na segunda metade do século XVIII temos na França a ocorrência e registro de publicações destinadas ao público infantil³. Mesmo tendo em vista toda atividade intelectual precedente, nenhuma atenção foi dedicada a uma literatura que contemplasse esse público em particular. No Brasil, a história não se dá muito diferente, pois a literatura infantil só teve lugar por ocasião da República⁴, concomitante a um processo de modernização pelo qual passou o país, com base naquele destacado evento político e histórico.

Este é somente o princípio da história da produção literária para a infância no Brasil. Pretendemos ver como se deu o desenrolar dessa história, compreendendo causas, objetivos, circunstâncias que permeiam o esforço literário para a infância. Toda a catalogação da referida literatura trata de contextualizar os livros, instrumento de leitura do leitor-estudante. A série Vaga-lume parecia a princípio ser o personagem principal da trama de investigação. A partir dela pretendíamos investigar todas as tramas possíveis. Como se os livros por si só pudessem desvendar realidades, ensejar compreensões acerca dos caminhos que a cultura escrita percorre junto à educação brasileira. “A chave dos significados não está, pois, nos meios de comunicação, mas na estrutura da sociedade que criou esses meios e que os tornou significantes.” (BOSI, 1986:49).

Sabemos que apesar das incontáveis campanhas e esforços de alfabetização/escolarização promovidos pela gestão pública brasileiro, é ainda muito extenso o caminho a ser trilhado. O mascote Vaga-Lume não consegue sozinho prestar contas dessa realidade, muito menos equacioná-la, mesmo porque ela envolve muitas

³ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1987, p. 15

⁴ Ibid. p. 34

outras questões e razões. Porém, acreditamos que possa contribuir, afinal de contas trata-se de uma coleção de livros infanto-juvenis elementar, peça fundamental utilizada intensa e extensivamente pelas escolas públicas.

Os livros da série Vaga-Lume conquistaram um espaço junto à preferência juvenil, são livros que conquistaram gerações de crianças. A obra Vaga-lume tem uma textura envolvente permitindo que sua leitura extrapolasse o contexto escolar. Essa relação extracurricular é atestada por marcas espetaculares de vendas de alguns títulos. **Sozinha no Mundo** de Marcos Rey (pseudônimo de Edmundo Nonato), por exemplo, teve mais de um milhão de exemplares vendidos. Sendo assim o segundo capítulo é voltado especialmente para o conhecimento da coleção Vaga-Lume, obras publicadas, autores, origem da coleção, sua justificativa teórica. Analisar eventuais intersecções temáticas entre diferentes obras, introduzindo análises textuais produtivas no que diz respeito à compreensão de vertentes gerais que mediam a editoração dos livros em questão.

Um terceiro e último capítulo trata da leitura enquanto ato vivenciado, uma experiência entre leitor e livro. A delimitação dos horizontes históricos e a catalogação das obras apontadas conduzem-nos para aquele que lê, objetivando conhecer como se dá a apropriação dos livros por parte do leitor. Tendo em vista apontamentos sobre meios de comunicação, mediações, pretendemos observar como se dá a recepção de títulos infanto-juvenis. Autores como Raymond Williams, Martin Barbero, Paul Zumthor são fundamentais para essa análise. A intervenção da história oral, suscitando um contato mais próximo com o sujeito promove um relato de suas impressões e atitudes perante a apropriação do livro pela leitura. As entrevistas buscam cercar as imediações do ato de ler. Pretendemos compreender como se dá a construção do vínculo entre aluno e objeto de estudo, leitor e o livro, e sobretudo sujeito social e sociedade autoritariamente grafocêntrica. As práticas alfabetizadoras concretizam-se marginalizando todo aquele que não compartilha de sua aquisição, mesmo que possa haver incontáveis outras formas de expressão. Nada mais, nada menos que a ditadura da linguagem escrita.

Capítulo I

Literatura Infantil brasileira: histórico e histórias

1-1 Um breve parecer dos vínculos entre saberes históricos e literários.

A paixão por leitura e a crença particular em sua essência magnífica, complexa, enriquecedora do repertório de cada um de nós não impediu que houvesse atração por uma pesquisa que deixasse de lado essa visão parcialmente ingênua. Sendo assim abríamos caminho para a compreensão de uma prática cultural que detém princípios diversos, muitas vezes norteados por noções que vão além da simples magia de conhecer histórias/teorias diferentes a cada livro lido. A leitura muito mais do que uma atividade cotidiana, exercida por indivíduos em particular é uma prática coletiva e cultural permeada por conceitos que são muito mais complexos do que sua finalidade mais imediata propõe. Ponderemos sobre a declaração que afirma que “(...)a atividade de leitura em si não é uma virtude(...)”(HOGGART,1957:208). Existem inúmeras posturas leitoras, assumindo inúmeras formas de apropriação do livro: profícua,indiferente, crítica,passiva, apática,receptiva,insubordinada. Muitos são os contextos de formação dos leitores, não somente a escola em que estudam, como a família a que pertencem, o grupo social com o qual se identificam, a infância vivida, condições essas que em muito contribuem (porém não determinam) para a natureza do leitor em formação. Além do que conta-se também com a contribuição única do livro, muitas são as produções, de todas as naturezas,tão presentes e importantes na formação do leitor como os sujeitos citados anteriormente.

Nesse contexto de pesquisa o cruzamento das referências de leitura dos alunos (Série Vaga-Lume) com seus espaços de convivência social, ou seja, com a sociedade em seu redor, pode resultar em conhecimentos esclarecedores acerca do universo de formação desses jovens leitores. O abandono da crença na sacralidade do livro, das produções literárias desperta-nos para um posicionamento crítico, para que vejamos cada obra, vasculhando por detalhes originais, com apontamentos ideológicos permissivos ou libertos quanto a convenções quaisquer e a partir disso reconhecendo produções notadamente diversas, sensivelmente coerentes, trivialmente displicentes, descompromissadamente engajadas.

Apesar de até o momento não termos tratado da badalada e intrínseca noção de Indústria Cultural o fazemos pois se trata de importante menção. Os livros Vaga-lume ou qualquer outro meio devem ser referendados ao contexto de origem, a fim de que sejam conhecidos os mecanismos de sua produção, emissão e circulação. A variedade na formação de leitores e os empregos efetivos desse aprendizado são contrários à condição homogeneizante que se imputa ao público leitor das produções massivas. Entretanto a elucidação dos mecanismos da indústria cujos bens são do tipo cultural é efetiva para a compreensão do contexto onde se dá a apropriação dos livros Vaga-lume. Não para desconsiderar os apelos e as tendências que tais produções veiculam. A comunicação de massa é um contexto relevante para a temática em questão, até mesmo em função de sua consolidada atuação na história. “A idéia de uma ‘sociedade de massa’ é bem mais velha do que costumam contar os manuais para estudiosos da comunicação.” (MARTIN-BARBERO: 2003,55). Apesar de a noção de indústria cultural originar-se no século XX a composição social de suporte para sua produção já havia sido gestada.

O ato de ler é um exercício que se confirma em um contexto bem mais amplo que o espaço ocupado pelo leitor e seu livro, permeado por um emaranho de interesses individuais e coletivos, medidas legais, disputas acirradas, posturas apáticas e inertes, preceitos gerais e particulares, ideologias predominantes e latentes. Entretanto o que deve predominar é a luta da maioria contra um sistema sócio-econômico e cultural autoritário, excludente, optando-se coletivamente por uma articulação dos elementos sociais que se dê verdadeiramente democrático, que preserve direitos elementares. Dentre tais direitos, a educação, o direito a escolha livre de mediações que não possam ser balizadas pela reflexão e pela crítica, resultando, portanto na possibilidade de ler um

livro, sendo capaz de empreender senso crítico, analítico, conseguir distinguir em cada obra uma dada contribuição teórica consistente ou um simples passatempo. Aprendizado escolar que desenvolva no estudante uma autonomia intelectual, garantindo a cada indivíduo independência na condução de sua própria consciência, de si e do outro.

Figuras como Monteiro Lobato, Ziraldo, Maria Lúcia Machado de Almeida, Cecília Meirelles, Orígenes Lessa, Marcos Rey estão entre os personagens principais do enredo dessa pesquisa. Já o palco é a história da literatura infantil apresentada no Brasil. Essa trama diz respeito a muitos personagens, alguns principais, outros coadjuvantes, com uma contribuição menor, porém não menos importante. O assunto é literatura nacional produzida por brasileiros, porém há a participação de personagens estrangeiros, falamos dos livros traduzidos e adaptados dos enredos principalmente europeus, para o rol de leituras infantis. Isto quer dizer que, apesar da história ser brasileira, temos muitos autores de outros países.

Em se tratando da criança, por mais que seja uma figura explícita nesse contexto, não podemos deixar de fazer referência a ela, afinal, apesar é público leitor das produções que tratamos, porém perguntamos o quanto esse sujeitinho histórico é co-participante, ativa e criticamente das produções que lhe dizem respeito. A condição pedagógica da literatura infanto-juvenil presta-se à condição de veículo de importantes valores para a coletividade, contribuindo para a formação intelectual da criança, e não menos para direção de sua conduta social. Essa missão da literatura infantil é patente, porém passível de dúvidas.

Devemos investigar as condições e as circunstâncias sócio-históricas que ensejaram essa condição civilizatória/pedagógica da literatura para os pequenos. É inerente o alcance desse nicho literário, atestado pelo fato de sua produção ter-se convertido em uma das mais rentáveis da indústria editorial no Brasil⁵. Entretanto a questão persiste: que obra infantil foi escrita, ou ao menos assessorada por uma criança? A temática proposta, ou seja, a série Vaga-Lume: leituras infanto-juvenis e sua utiliza-

⁵ Id.Ibid p 9

ção no contexto escolar devem servir de instrumento para uma análise que vá além da relação propriamente dita entre livro e leitor, levantando questões como: o quanto nosso leitor é autônomo ou não frente ao objeto de leitura.

Quem já se indagou acerca das similitudes e também das divergências existentes entre a história e a literatura. Essa reflexão constitui-se em condição premente da nossa pesquisa. Se um dos objetivos é extrapolar as imediações do meio de recepção da mensagem, é válido que extrapolemos os horizontes circundantes das ciências históricas e literárias. A constituição social em que vivemos caracteriza-se pela complexidade das relações travadas pelos indivíduos. A passagem do estado de natureza ao estado civil é sinalizada pela capacidade humana de manutenção da vida, excedendo os limites do trivial e necessário. A partir da origem do estado civil, as instituições sociais, culturais, políticas constituíram-se em uma via de mão dupla, formuladas em decorrência da sociedade e a favor dela mesma.

É no momento em que o equilíbrio é rompido entre as faculdades e as necessidades que o homem entra na história, que deve trabalhar. << À medida que o gênero humano se alargou, as dificuldades multiplicaram-se com os homens [...] Anos estéreis, invernos longos e rudes, verões ardentes exigiram dele uma nova indústria. >> A partir de então a humanidade evolui para uma sociedade cada vez mais organizada; pouco a pouco aparece a propriedade; cavam-se desigualdades entre os ricos e pobres e instituições jurídicas vêm sancionar relações de força. É esta, em grandes traços a passagem do estado natural ao estado civil. Na reflexão de Rousseau a história não passa de uma abstração (o negativo da natureza) que é colocado ao serviço de uma demonstração moral.⁶

A definição de história, essa ciência humanística, é bem mais ampla e ao mesmo tempo pormenorizada do que julgam as definições comuns. A ação histórica, caracterizada pela narrativa metódica de fatos notáveis, relativos a um dado povo e em

⁶ GUY, Bourdê & HERVÉ, Martin. **As escolas históricas**. São Paulo: Fórum História, 1957, p. 45.

em um plano geral, à humanidade, restringe a complexidade da pesquisa em história.

Porque a história não é apenas uma ciência em marcha. É também ciência na infância: como todas as que têm por objecto o espírito humano, que chegou tarde ao campo do conhecimento racional. Ou, melhor dizendo, velha sob a forma embrionária da narrativa, durante muito tempo atravancada de ficções, durante mais tempo ainda vinculada aos eventos mais imediatamente perceptíveis, a história é, como empresa reflectida de análise, novíssima. Esforça-se finalmente, por penetrar além dos factos da superfície; por rejeitar após a sedução da lenda ou da retórica, os venenos, hoje mais perigosos, da rotina erudita e do empirismo disfarçado de senso comum.⁷

É inegável que a história dos grandes homens e seus feitos prepondera, afinal esse é o saber histórico divulgado nas escolas de primeiro e segundo graus. Entretanto outros homens e mulheres que não foram ilustres como Napoleão Bonaparte, Mao Tse Tung, Olga Benário Prestes, também fizeram história.

Há muito, com efeito, que os nossos grandes precursores, um Michelet, um Fustel de Coulanges, nos tinham ensinado a reconhecer: o objecto da história é por natureza o homem. Melhor: os homens. Mais do que o singular, favorável à abstracção, convém a uma ciência da diversidade o plural, que é o modo gramatical da relatividade.⁸

Essa província do conhecimento também diz respeito ao que acontece em derredor dos homens comuns, por mais que esses homens não sejam figurantes da história que é proclamada como oficial. História enquanto ciência, portando regulamen-

⁷ BLOCH, Marc. **Introdução à história**. São Paulo: Europa-América, 1976, p. 19.

⁸ Ibid p. 28

tada questões como a imparcialidade, deve ter como objeto de pesquisa o homem, ou melhor, o sujeito social e a apreensão de sua atuação nos vários meios de interação social.

*O cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos, que contribuem para explicar o seu funcionamento. Vamos encontrar as premissas desta história do cotidiano, por exemplo, na mais perfeita das obras de March Bloch, **A Sociedade Feudal**, particularmente no capítulo sobre as formas de sentir e de pensar; mas o que dá valor a essas páginas pioneiras é o fato de estarem intimamente ligadas a uma análise cerrada embora imaginativa, mas será necessário repetir que a erudição e a imaginação são complementares e não antagônicas? – da sociedade feudal.⁹*

Jacques Le Goff nos incita através de seu discurso a cada vez mais refutarmos a história de caráter descritivo e adotemos o que define como história-problema. Sendo assim adotar uma pesquisa que se realize sobre a égide de uma postura questionadora, disposta a revolver toda fonte, oral ou escrita, indícios que dêem respaldo para análises que apercebam visões coerentes da realidade apresentada.

Tal como o realismo na literatura e na arte não é uma fotografia da realidade, mas uma grelha de apresentação e de re-presentation do mundo e da sociedade, a história do cotidiano é uma visão autêntica da história porque representa uma das melhores formas de abordagem da história global, na medida em que atribui a cada ator e a cada elemento da realidade histórica um papel no funcionamento dos sistemas que permitem decifrar essa realidade.¹⁰

⁹ DUBY, G & ÁRIES, P & LADURIE, E. L. & GOFF, JACQUES LE **História e nova história**. Campinas: Teorema, 1989, p. 79

¹⁰ Ibid p 82

Le Goff, através dessa última citação, dá-nos ensejo para a retomada da discussão sobre as intersecções possíveis e notáveis entre literatura e história. No que diz respeito aos ofícios da arte, literatura e da própria história não há um pacto que acorde o resgate fidedigno da realidade. Tratam-se de habilidades cuja essência tem a ver com a capacidade humana de expressão do real: enquanto imagens que lhe saltam aos olhos; sons que preenchem sua imaginação; relatos que interferem decisivamente na composição de sua retórica. O real, ou a verdade que seja, evocam um arcabouço semântico de uma abrangência praticamente inalcançável. Daí subentende que não possuímos o dispositivo contido na máquina fotográfica. Não contemos a aptidão mecânica de apreensão milimétrica do real. “As relações entre literatura e realidade oscilaram sempre, trazendo visível a marca da história” (SEVCENKO,1985:225). No entanto, na busca de explicações, teoremas, justificativas, o homem defronta-se com possibilidades de apreensão da realidade que não são óbvias. A pesquisa histórica que tem como objeto a literatura, é um desses meandros indiretos. A literatura é um especial observatório, no qual o autor é testemunha direta da história.

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da via brasileira. Mudanças que forma registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, nomear e exprimir.¹¹

Cada homem é um universo em si, um apanhado de experiências, práticas, vivências, saberes; aquisições decorrentes da interação com o mundo, interação essa vivida desde nosso nascimento. A literatura, mesmo quando não havia o registro verbal escrito já propiciava aos homens a expressão duradoura de suas impressões internas e externas, segundo os limites de seu corpo físico. A tradição poético-mítica oriunda da Grécia, foi essa primeira forma narrativa, código emissor das visões de mundo dos ho-

¹¹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Braziliense, 1985, p.237

mens de então. Heródoto, considerado pai da história¹² é herdeiro dessa tradição. É bem verdade que ele reformula a tarefa do poeta, praticando um novo *modus operandi* (aliás, essa forma profissional e sistematizada de encarar os relatos e registros dos fatos e feitos humanos é uma conquista advinda com o trabalho de Heródoto) porém, preservando o esforço de conservação da memória coletiva, lutando contra o esquecimento. Ele introduz uma nova forma narrativa vinculada, executada por meio de uma pesquisa investigativa sustentada em testemunhos diretos e até indiretos, ainda assim, detém notáveis diferenças com a obra de Tucídides.

*O ritmo narrativo das **historiai** também lembra o do poema épico declamado em voz alta ao público reunido em torno do aedo: a prosa de Heródoto está cheia de digressões maravilhosas, de anedotas amenas ou pedagógicas que mantêm aceso o interesse do ouvinte (e do leitor). Nada da arquitetura austera e argumentativa do texto tucídico, escrito para ser lido no futuro, mas a fluidez de histórias contadas, sem dúvida, para informar e ensinar, mas também pelo simples prazer de contar. Nesse rio de histórias que, como o Nilo descrevem, transborda às vezes seu leito e fertiliza terras não previstas pelo estrito desenho do raciocínio, nestas histórias, porém reina um princípio novo e exigente: a busca das verdadeiras razões (**aitia**), das causas que Heródoto pôde, à sua maneira, verificar, em oposição às alegadas pela tradição mítica.¹³*

É a percepção de como o viés histórico e a arte literária podem por meios e instrumentos distintos alcançar alvos muito próximos. No intuito de compreender os vínculos entre saber histórico e literário seguimos perscrutando todos os contextos possíveis, com isso, somos pegos com essência tão próximas. Tucídides, nosso primeiro e confesso historiador, bebendo nas águas da narrativa poético-mítica, aparentemente um recurso inadequado ao fazer histórico. Entretanto tanto um saber quanto o outro

¹² GAGNEBI, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. São Paulo: Imago 1987, p. 54.

¹³ Ibid p 18

estão em constante mutação, acompanhando as incontáveis descobertas que o homem realiza, de si, do outro, do mundo. Nos textos de Heródoto não há nenhuma referência à ciência histórica propriamente dita, ciência, da qual mais tarde, receberia a condição de primeiro criador. Se se trata de evolução ou não, é incontestável que as práticas históricas e literárias não são as mesmas de quando de sua origem, tanto no que diz respeito à visão cultivada de si mesmas quanto ao estatuto que as rege. Ao mesmo tempo em que aproximamos história e literatura através do objeto comum: o homem, as distanciamos tendo em vista a diferenciação no método de trabalho.

As teorias literárias desempenham-se em mundos abstratos, mas o crítico deve dar atenção aos fatos concretos. Isto nos impõe uma inevitável reflexão a respeito do método de trabalho. O problema é que, em outros ramos do conhecimento, o homem pode desembaraçar-se com esquemas eficazes e comprováveis, o que não acontece sempre com a literatura.¹⁴

A literatura, é elaborada propriedade da linguagem verbal escrita, porta-se como uma instituição social viva. O texto antes de mais nada é um produto. Produto do meio? A pergunta têm como respostas sim e não. Sim, pensando nas obras como testemunho material eloquente a serviço da percepção humana e também contempla a resposta negativa pelo fato de não ser estéril ou passível frente ao contexto de gestação. Trata-se de uma relação visceralmente dialética. Tanto o homem quanto suas produções remetem a uma dada realidade, a um contexto histórico. José Fernando Miranda esclarece-nos acerca dos meandros inerentes às teorias literárias e aponta saberes que com maior desenvoltura, a partir de métodos sistematizados escapam às armadilhas do passional, do gênero humano. Tendo sido firmado o estatuto da ciência histórica e seu estabelecido vínculo com os artificios da razão, visualizamos uma importante e auspiciosa intersecção entre essa ciência e as produções literárias. Não se trata de depreciar a literatura enquanto hábil na compreensão de sua própria essência, pelo contrário, en-

¹⁴ MIRANDA, Jose Fernando. **Estória infantil em sala de aula. Semiótica de personagens.** Porto Alegre: Sulina, 1978, p.19

quanto ela se presta ao papel de objeto de pesquisa histórica, é arcabouço de indícios da realidade. Uma realidade que tem possibilidades de constituir-se o mais íntegra possível se for referenda em contextos que extrapolam ao enredo da obra literária.

1-2 Literatura infantil no Brasil: um breve itinerário

Objetivamos abordar as obras de literatura infanto-juvenil no Brasil, a partir da delimitação dos horizontes dessa categoria literária. Essa pesquisa circunscreve o eixo livro-leitor, pois são os objetos do nosso foco investigativo. Apesar da tendência em ora crermos na primazia do livro ora na primazia do leitor, acabamos por concluir na inconsistência de tal partidarismo. A obra e o sujeito que a lê, podem ser tidos como tese e antítese, compondo a síntese que é a leitura; numa relação interdependente, vital. Chartier ao examinar as circunstâncias e as condições das práticas de leitura não desvincula, em hipótese alguma, o estudo do material impresso da compreensão acerca dos usos que são concedidos a esse material. O livro, suporte material da cultura impressa é arcabouço de inúmeras intenções e tensões, já a leitura promovida é uma consequência direta, somada a toda uma gama de elementos extra-textuais.

Em seguida, pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, sejam com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo.¹⁵

¹⁵ CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Liberdade:1996, p.78.

Alcir Pécora na introdução à edição brasileira de “Práticas da Leitura” é pontual ao afirmar: “Dáí que para Chartier, fazer a história das práticas de leitura inclui privilegiadamente o levantamento dos usos históricos do livro e das várias formas particulares do impresso” (CHARTIER,1996:11).

Nosso esforço de pesquisa diz respeito à apreensão de um estudo holístico do ato de ler. Para tanto, demarcamos o estabelecimento de um histórico das obras literárias infanto-juvenis, não só simples catalogação de livros, mas apreensão, sobretudo das circunstâncias históricas de seu fomento é de relevante contribuição. Sem perder de vista a figura de nosso sujeito leitor, também historicamente forjado, economicamente delimitado, socialmente situado. Entretanto, mesmo com a proposta de delimitação desses dois componentes essenciais de nossa pesquisa, não abrimos mão de um parecer global do fenômeno leitura, e por mais que seu mapeamento ofereça significativas dificuldades de estudo, damo-nos por satisfeitos em abordar as circunstâncias que circundam essa atividade tão peculiar.

A atração por tais livros, da coleção Vaga-lume, se dá por motivos diversos, dentre eles, o fato de serem intrinsecamente vinculados à infância e juventude de milhares de leitores brasileiros e a acentuada representatividade dos livros Vaga-Lume em nossa mentalidade leitora. De antemão, a proposta de uma enriquecedora contextualização, pode contemplar-nos com uma visão geral do que vem sendo o esforço social de satisfação desse nicho literário. Nicho literário esse que, muito mais do que encerrar propostas pedagógicas herméticas e utilitarismos estéreis, deve contemplar a infância a partir dela mesma, não do universo adulto.

A coleção Vaga-Lume com suas dezenas de livros, histórias, personagens, enredos, é um verdadeiro mundo da cultura escrita, porém visceralmente ligado a um universo ainda mais amplo. Trata-se da existência do micro a partir do macro e vice-versa, contudo o macro, a partir de uma consolidação histórica é detentor de diretrizes que permeiam a existência do micro, influenciando por vezes determinadamente. Em outras palavras, um instituído corpo literário infantil coordenando com relativa maestria as criações literárias dos autores brasileiros. A relatividade da maestria foi apontada para que não desacreditemos de iniciativas inovadoras, contraditórias à ordem geral, ensejando posturas livres de determinações externas, dando vazão, por exemplo, à liberdade de criação por parte dos escritores. Entretanto o fato desse nicho literário

apresentar notável potencial comercial, suas produções são inevitavelmente permeadas por questões como tendência de mercado, gosto popular. Com essa reflexão queremos a compreensão quanto ao fato de que, lidando com a série Vaga-Lume ou qualquer outra coleção, estamos lidando com indícios de uma história do livro infantil no Brasil. Nosso intuito, mais do que inquirir livros e autores em particular é dar conta de apreender os preceitos que sedimentam a instituição literária para nossa infância, compreendendo seus usos e desusos, abrangências e restrições.

Antes de nos aprofundarmos no referido objeto, voltemos nossa atenção para o simples conceito evocado pelo termo literatura: “Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou versa”, “Qualquer dos usos estéticos da linguagem: literatura oral.” São conceitos emitidos pelo dicionário composto por Aurélio Buarque de Holanda. Acreditamos que a missão dos dicionários seja vislumbrar um conceito em sua função mais aparente, instigando um conhecimento mais profundo, ainda por vir. Porém, nosso intuito é a compreensão do conceito literatura em sua forma mais matricial possível. Apesar de não sermos habituados a conceituação a seguir, é válido refletir a produção literária como uma obra de arte. Fruto da criação humana, reflexo do meio social de existência, ou seja, expressão de mundos interiores inegavelmente afetados pela exterioridade. Apesar de haver todo um apelo estético (lembrando que o estético é uma categoria plástica, passível de assumir incontáveis formas e apresentações), não temos hábito de dissociar livro de conceitos como pragmatismo, coesão textual, formas métricas, ou seja, toda uma regulamentação transcendente. A literatura é a arte proclamada pela linguagem verbal e por conta de toda elaboração mental que essa linguagem exige de quem a manuseia, perdemos de vista sua essência artística.

E se de todas as formas de expressão de que o homem dispõe para dar forma às suas vivências e experiências, as da Arte estão em primeiro plano, não há dúvida de que, entre as artes, a literatura é das mais eloqüentes, devido à amplitude de seus recursos expressivos. Ela não só pode dar perenidade ao gesto ou ao ato fugaz de viver, como principalmente se concretiza em uma

*matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.*¹⁶

Enquanto a literatura materializa a destacada essência humana frente a outros seres tão diversos, esse mesmo instrumento simboliza a acentuada particularidade dos homens no que diz respeito à condução da vida coletiva. Com isso queremos apontar a literatura como fim e como objeto da existência humana. Ela dá-se como fim quando a encaramos como a arte da eloquência, conforme defendemos anteriormente, e a um só tempo, porta-se como objeto quando é alvo dos usos e desusos próprios das empreitadas dos homens, em se tratando de contextos sócio-históricos ordenados conforme o embate entre a ditadura dos anseios elitistas e necessidades de um todo social. *"A escrita e o livro nasceram, como se viu, ligados a pequenos grupos, sempre com o objetivo seja do controle comercial, administrativo, contábil, seja do controle religioso e cultural."*(WALTY & FONSECA & CURY, 2000:39). Créditos como criatividade, eloquência, arte, lógica, racionalidade podem ser concedidos não só à literatura, mas a qualquer atividade promovida pelo homem, entretanto o próprio homem articula suas criações de forma a sobrepujar uns aos outros. Não são necessários muitos saberes para concluir o quão contraditória e excludente é a sociedade que constituímos.

A literatura perdeu sua essência unicamente artística, pois também o livro, sua representação material mais imediata, tornou-se com a revolução industrial um objeto de consumo extensivo ao invés de intensivo. A construção literária passou então a lidar com requisições inusitadas, de caráter comercial, por exemplo. A literatura de *cordel* tida na Espanha e de *colportage* na França, ambas originárias no século XVII, são inovadoras no narrar das produções literárias, uma transição entre a oralidade e a uma recente cultura escrita, e foco na estrutura de apresentação e valoração desse novo bem que estava constituindo-se: a publicação do impresso.

¹⁶ COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quíron/Global, 1982, p 4.

*Mas não só é meio: a literatura de cordel é mediação. Por sua linguagem que não é alta nem baixa, mas a mistura das duas. Mistura de linguagens e religiosidades. É nisso que reside a blasfêmia. Estamos diante de uma outra literatura que se move entre a vulgarização do que vem de cima e sua função de válvula de escape de uma repressão que explode em sensacionalismo e escárnio. Que em lugar de inovar estereotipa, mas na qual essa mesma estereotipia da linguagem ou dos argumentos não vem só das imposições carreadas pela comercialização e adaptação do gosto a alguns formatos, mas também do dispositivo da repetição e dos modos do narrar popular.*¹⁷

“Na França, a literatura de colportage ou bufarinheira mostra contudo mais às claras a estrutura industrial de produção e difusão.”(MARTÍN-BARBERO,2003:158). As acentuadas transformações implicam na conversão do impresso em bem de consumo, por isso o investimento foi maciço a fim de que a distribuição de tal produto fosse o mais abrangente possível, atendendo aos novos propósitos comerciais de sua circulação. A literatura infantil, quando houve ocasião para sua origem já encontrou a formatação dos livros em bem de consumo já consolidada.

*Nesse sentido o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vem marcando a sociedade contemporânea desde os primeiros sinais de implantação desta, permitindo-lhes indicar a modernidade do meio onde se expande. Tem características peculiares à produção industrial, a começar pelo fato de que todo livro é, de certa maneira, o modelo em miniatura da produção em série. E configura-se desde sua denominação – trata-se de uma literatura para – como criação visando a um mercado específico, cujas características precisam respeitar e mesmo motivar, sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação e consumo.*¹⁸

¹⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.

¹⁸ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1987 p. 18.

Essa passagem do livro de Lajolo e Zilberman enseja a retomada do tema propriamente dito, da literatura para jovens e crianças. Não podemos perder de vista suas circunstâncias originárias, as quais promoveram a sujeição de tal produção literária (e toda e qualquer outra que tenha estabelecido um vínculo com um pretenso público consumidor, portanto tenha que corresponder a expectativas que se impõem com uma força desmedida) às demandas gerais, quer seja de natureza social e/ou mercadológica. Apesar de ter sempre havido uma arte literária a demarcar um espaço próprio e inalienável de atuação, em paralelo às experiências que se constituem massivas, formatadas.

A categoria literária que tem como receptor a criança é produção cultural, oriunda do período moderno. Refere-se a um novo momento, de reelaboração histórica, tendo como preponderante a impressão da escala industrial à produção de bens em geral. Escala essa da produção material da vida, mas também imputada às mentalidades. Tanto que a nova constituição sócio-histórica contempla a existência de sujeitos antes nem sequer notados, como a criança e a mulher. Com isso a literatura consagrou-se amplamente, a partir de públicos específicos, reflexo da própria formação social. O organismo coletivo da Idade Média foi gradualmente fragmentado, em núcleos como a família, o indivíduo, e a coletividade sendo substituída pelo indivíduo.

*É na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens. As fábulas (1668) de La Fontaine; os Contos da Mãe Gansa (1691-1697) de Charles Perrault; os Contos de Fada (8vls. - 1696/1699) de Mme. D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil, tal como o hoje conhecemos.*¹⁹

¹⁹ COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quíron/Global, 1982, p.226.

Era como se o elemento infantil, como o tratamos atualmente, não tivesse nenhuma importância frente à sociedade. Na verdade, nem a mulher, muito menos a criança por muito tempo não assumiram papéis relevantes no contexto social. “*Século sobremaneira importante pelo que representa de abertura à nova Era que se aproxima, o XVIII também abre caminho para que a criança ou a “infância” passem a existir como um ser ou um estágio específico*”. (COELHO:1982 p.271). As histórias para a infância foram concebidas inicialmente como contos populares. A experiência dos camponeses sendo transmitida através de milhares de histórias que diziam respeito às suas circunstâncias de vida. “(...) os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais.” (DARNTON,1986:26). Um renomado histórico de alteração das tradições populares de compor contos deu-se através da literatura efetuada pelos irmãos Grimm.

*Perrault, mestre do gênero, realmente recolheu seu material da tradição oral do povo (sua principal fonte, provavelmente, era a babá de seu filho). Mas ele retocou tudo, para atender ao gosto refinado dos sofisticados frequentadores dos salões, précieux e cortesãos aos quais ele endereçou a primeira versão publicada de Mamãe Ganso, seu Contes de ma mère l'oye, de 1697.*²⁰

Seguindo a mesma tendência européia, os brasileiros não se portaram nem um pouco originais no trato com a infância; no tocante à produção intelectual que ela pudesse usufruir. O Brasil dedicou esforços para a edificação de livros literários entre o fim do século XIX e século XX, porém, se pretendemos tratar das produções nacionais, foi somente no novo século que houve estímulo para que nossos autores apresentassem seus trabalhos. Entretanto podemos alegar que em nosso caso, a sorte da literatura adulta não foi muito diferente da infantil, afinal ainda estava por constituir-se uma literatura própria, nacional, além do que, ainda fazia-se necessário, haver condição ma-

²⁰ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro, Graal, 1986, p.24.

terial que propiciasse essa manifestação do pensamento culto em todas suas vertentes:

De fato, a história da literatura brasileira para crianças só começou tardiamente, nos arredores da Proclamação da República, quando país passava por inúmeras transformações. 1905, ano de surgimento da Revista o Tico-Tico. Recapitulando, pois é deveras importante para o nosso tema o processo de urbanização, dado entre fim do século XIX e começo do século XX. Deu-se graças à demanda de incipientes interesses da indústria nacional e da já consolidada indústria inglesa. Esse processo aclamava entre outras medidas o abolicionismo (troca de mão-de-obra escrava por assalariada, sem contar que a manutenção do regime escravocrata já não era mais tão rentável, afinal o ideário abolicionista ensejava o apoio de correntes intelectuais e políticas, e ainda contava com o espírito de insurreição e escape por parte dos negros feitos escravos) e a uma política favorecedora de várias camadas médias, consumidoras virtuais de sua produção.²¹

O referido momento histórico, tanto na Europa do século XVIII, quanto no Brasil do século XX refere-se a um período, no qual ocorreu o amadurecimento e consolidação da classe burguesa. É a ascensão de uma nova forma de sociabilidade que apresenta como natureza essencial, originada, baseada e reproduzida pela exploração do trabalho assalariado, cujo objetivo fundamental é a produção de mercadorias visando ao enriquecimento da burguesia em detrimento daqueles que nada possuíam a não ser sua força de trabalho, definidos historicamente como trabalhadores, o proletariado.

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos pode resumir-se assim: na produção social da vida, os

²¹ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1987, p. 18.

*homens contraem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.*²²

A evocação de tão destacados autores, no prefácio à “Contribuição à crítica da economia política” refere-se essencialmente à nossa temática, afinal não podemos ser ingênuos, a ponto de acreditarmos que processos como a inclusão do elemento infantil no contexto social ou uma gradativa concessão de autonomia à mulher são meras ofertas fortuitas. A citação informa a projeção e reprodução da mentalidade burguesa como ideologia dominante, sendo essa convenção uma contraproposta da estrutura econômica subjacente. O Iluminismo, nova mentalidade forjada pela burguesia prega princípios como o liberalismo político, individualismo e livre concorrência. Nesse contexto temos o importante processo de promoção em larga escala do direito à educação, que passou a ser apregoado como universal, ou seja, passível de acesso a todos os indivíduos. As expansões escolares do século XIX não são nada mais, nada menos, que o empreendimento de uma nova empreitada pedagógica, empreitada que toma para si novos valores (burgueses) a serem promulgados.

A cultura letrada, numa sociedade grafocêntrica como a ocidental, dá importância fundamental ao livro como objeto distintivo de dignidade e saber. De um homem culto se diz, por exemplo, que é um homem de leitura, o que

²² MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Textos, v. III**. São Paulo, Edições Sociais, 1978., p.301-2.

*evidencia o quanto a cultura escrita é considerada predominante.*²³

O processo de modernização da sociedade brasileira desemboca no século XX através de instituições como a indústria, o trabalho assalariado, constituição da república e o fortalecimento de classes médias dando-se graças ao desenvolvimento de um padrão de escolarização e disseminação de valores culturais. A renovação educacional foi defendida por um ideário pedagógico, um dos porta-vozes da ideologia burguesa. Com isso delimita-se o projeto de ascensão social de todo e qualquer indivíduo, através da aquisição de saberes ministrados pela escola, formação intelectual através da cultura escrita. Nesse contexto de favorecimento à formação escolar, o vínculo com o livro infantil é estreitado. Entretanto era preciso mais do que simplesmente absorver livros vindos da Europa (não basta termos importando a tecnologia de produção material, também tínhamos à princípio importado a capacidade criadora), portanto clamou-se veemente por condições técnicas que permitissem a consolidação de uma literatura criada, editada, publicada e lida por nós, brasileiros.

Há grande controvérsia acerca da relação entre literatura e pedagogia. Muitos questionam se os livros dedicados à infância devem apresentar natureza pedagógica ou simplesmente ater-se a essência artística, uma vez que a arte tem na literatura um de seus porta-vozes dos mais eloqüentes. Resolvida ou não a questão, sempre houve uma intrínseca relação entre literatura e pedagogia. A formação cultural, intelectual e, sobretudo moral de nossas crianças, tinha no livro um de seus grandes aliados.

A presença de um protagonista criança é um dos procedimentos mais comuns da literatura infantil. Via de regra, a imagem de criança presente em textos dessa época é estereotipada, quer como virtuosa e de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrô-

²³ WALTY, Ivete Lara Camargos.& FONSECA, Maria Nazareth Soares.& CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e Imagem: leituras cruzadas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.48.

nica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo livros, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com pais e professores, trocando cartas de bons conselhos com parentes distantes. Manifesta-se, através desse procedimento, com uma concretude rara na literatura não-infantil, confirmando seus compromissos com um projeto pedagógico que acreditava piamente na reprodução massiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos manifestavam e, manifestando, desejavam inculcar nos leitores.²⁴

Foram muitas as obras e os autores que povoaram a produção literária para a infância, sem contar as inúmeras tendências que tais obras seguiram. Ora reproduzindo fielmente obras européias, traduções, ora adaptando tais produções, como sendo possível contextualizá-las conforme nossa realidade. Tanto as traduções como as adaptações realizadas em larga escala por autores como Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel; também houve produção orientada conforme substratos temáticos já descritos na bibliografia européia. Muitas das obras literárias européias constituem receituário requisitado, os próprios enredos europeus inspiraram-se em matrizes como a tradição árabe, a cultura popular balizada pela oralidade. Inúmeros são os autores europeus, americanos que fizeram e fazem sucesso com suas obras. Figuras como os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Charles Perrault, Jean de La Fontaine, Charles Dickens, Mark Twain, Júlio Verne, Daniel Defoe, Jonathan Swift são autores de obras que projetaram-se universalmente. Sem nenhuma razão em particular mas, tomemos como exemplo alguns livros de Mark Twain, **Aventuras de Tom Sawyer**, **Aventuras de Huckleberry Finn**, **Um iaque na corte do Rei**, livros que foram adaptados para o cinema, gerando filmes de grande sucesso, perpetuando ainda mais suas leituras.

A literatura dirigida à infância originalmente não tinha essa vinculação, esse propósito infantil. Histórias originalmente com teor adulto, sofreram reformulações e

²⁴ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1987 p. 34.

adaptações até atingir condição adequada à apropriação infantil. Fontes como a antiguidade oriental e a grega cristalizaram-se em uma literatura popular de cunho essencialmente oral que mais tarde veio a ser substrato de muitas das histórias infantis. Charles Perrault e os irmãos Grimm são representantes dessa transposição.

A análise de autores como Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen atende ao apelo de lidar com autores certamente difundidos largamente por nossa cultura. Quem nunca leu ou pelo menos teve conhecimento de textos como **A Bela Adormecida**, **Chapeuzinho Vermelho**, **Os Sete anões e a Branca de Neve**, **Joãozinho e Maria**, **O Pequeno Polegar**, **O Patinho Feio**, **Soldadinho de Chumbo**, **A Roupa Nova do Imperador**, entre outros. Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm escreveram sua obra tendo como principais substratos os textos do folclore literário germânico e um conhecimento acentuado da apresentação da língua de seu país. A obra em questão foi publicada entre 1812 e 1822 com o título **Contos de Fadas para crianças e adultos**. Já Andersen, também influenciado pelo pensamento romântico popular, escreve obras onde se mesclam o mundo maravilhoso e realidade concreta. Em contrapartida, o universo dos irmãos Grimm é predominantemente maravilhoso. Analisemos a obra **Viagens de Gulliver** de Jonathan Swift e percebemos o quanto as obras literárias destinadas a um público adulto, maduro podem ser facilmente direcionadas para os leitores infantis, desde que se retire da obra todo seu conteúdo tido como não-apropriado. “A matéria alegórica que constitui **Viagens de Gulliver**, acabou desaparecendo nas traduções/adaptações que começaram a correr mundo transformadas em literatura para meninos e jovens.” (COELHO, 1982:266)

São histórias permeadas por fantasia, pelo maravilhoso, elementos largamente utilizados na literatura infantil de todos os tempos. O conhecimento da realidade por parte da criança dá-se pelos mecanismos da sensibilidade, da emoção, da intuição. São histórias simples, de estrutura narrativa simplificada, tendo em vista o relato de um sucinto núcleo de ocorrências. Sem contar que, entre os diferentes contos também há uma relação simplificadora, quer dizer, não há acentuadas alterações temáticas nem mesmo dentro da coleção como um todo, levando em conta o histórico dos contos existentes. Porém, podemos facilmente delimitar uma contradição, pois se as histórias apresentam-se demasiadamente simples e atendendo a apelos temáticos pré-determinados é curioso e às vezes perturbador descobrir o quanto as histórias infanto-juvenis são carregadas de simbolismo, de significados bem mais profundos do que

denotam os enredos. A literatura é um dos arcabouços ideológicos de eficaz transmissão dos valores de uma determinada classe dominante.

Juntamente à literatura brasileira, muitos desses livros ocuparam por um bom tempo o lugar de obras de autores nacionais. A questão não é desmerecer a obra inglesa, alemã, americana ou qualquer que seja, mas sim analisar em que medida dialogam com a história, o folclore, e os saberes populares no Brasil. Folclore e histórias populares são fontes para muitos romancistas brasileiros da década de 1930, ou seja, a nossa condição sócio-histórica permeando nossa literatura. Podemos com isso crer que através de autores brasileiros a interação com nossa brasilidade acontece. Apesar de a literatura infantil ser encarada por muitos como categoria inferior, devemos concluir por sua constituição relativamente ativa, autônoma frente às outras categorias literárias. Além do que, reflete, mesmo que parcialmente, o mundo circundante, conseguindo estabelecer uma vital relação entre literatura infantil e mundo real.

Em meio a uma nova tendência, na qual a literatura infanto-juvenil é vista com outros olhos, sua criação passa ao encargo de autores consagrados como Cecília Meirelles, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e o inesquecível Monteiro Lobato. Esse último já era escritor consolidado quando passou a se dedicar à infância, o fazendo com inconfundível maestria. Além do sucesso irrefutável que tal autor experimentou, é válido refletirmos sobre sua obra: não há comentador que não a classifique como original, puramente lúdica e instrutiva a um só tempo. Reúne elementos da nossa realidade nacional, o campo é o cenário predileto para as aventuras narradas, intercalando com realidades universais. Mescla realidade e imaginação de uma forma inusitada, seres irreais, mágicos e pessoas ditas comuns convivem em pé de igualdade, compartilhando experiências, saberes, práticas.

Desde seu primeiro livro para crianças, Narizinho Arrebitado, Monteiro Lobato fixa o espaço e boa parte do elenco que vai ocupá-lo e ocupar-se em aventuras de todo tipo: é o Sítio do Pica-Pau Amarelo, propriedade de Dona Benta, que vive originalmente acompanhada de sua neta, a menina Lúcia, conhecida como Narizinho, e de uma cozinheira antiga e fiel, Tia Anastácia. Trata-se de uma propriedade pequena para preencher um cenário tão grande, mas as personagens multiplicam-se rapidamente, com a inclusão de outros

seres humanos(Pedrinho), seres mágicos (bonecos animados: Emília e Visconde de Sabugosa), animais falantes (porco Rabicó, burro Conselheiro e rinoceronte Quindim), sem falar dos eventuais seres aquáticos, habitantes do Reino das Águas Claras, localizado nas cercanias do sítio, ou dos visitantes mais ou menos habituais como Peninha, o Gato Félix o Pequeno Polegar.²⁵

É instigante como Monteiro Lobato não escapou ao exercício da adaptação de obras como “Os doze trabalhos de Hércules”, “D. Quixote das crianças”, “O Gato Félix”, o que poderia ser a princípio um isolado exercício de reprodução, torna-se uma apropriação crítica e intensamente interativa, entre os personagens do Sítio e aqueles pertencentes às histórias estrangeiras trazidas para nossa língua materna.

A predominância do caráter utilitarista da literatura infantil e o fato de apresentar facetas (pedagógica e artística) por vezes contraditória conduzem à crença dessa literatura como gênero inferior, além de não acompanhar as vanguardas intelectuais, as correntes de pensamento oficiais não são determinantes das produções infanto-juvenis. Entretanto o gênero infantil também sofre suas transformações, passando a lidar com diferentes abordagens e temáticas, entretanto estas não se pautam a partir da produção oficial de conhecimento intelectual. As peças da engrenagem da literatura infanto-juvenil são animadas por forças distintas .

Os laços da literatura infantil com a escola indicados antes: ambos são alvo de um incentivo maciço, quando são fortalecidos os ideais da classe média. Para esse grupo, a educação é um meio de ascensão social, e a literatura, um instrumento de difusão de seus saberes, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento (configurando o pedagogismo que marca o gênero) e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento

²⁵ Ibid. p55.

*educativo, embora essa finalidade não esgote sua caracterização. Como já se observou, a ficção para a infância engloba um elenco abrangente de temas que respondem a exigências da sociedade, ultrapassando o setor exclusivamente escolar.*²⁶

Com isso as utilizações dessa forma literária devem se dar a partir de inúmeras posturas, o universo pedagógico ou mesmo a essência artística não devem ser os únicos substratos de composição da literatura infanto-juvenil. Além do que, como defendem muitos autores, precisamos abandonar a imagem da criança e do adolescente como se fossem adultos em miniatura, como se sua destinação resumisse-se em atingir a idade adulta e adotar todos os comportamentos, hábitos e pensamentos que se espera dessa condição etária. O adulto ao relacionar-se com a criança porta-se como superior, protetor, essencial, impondo-se à existência da criança “(...) de antemão ele já desvaloriza os anos que vivemos, converte-os em época de doces devaneios pueris, em enleação infantil que precede a longa sobriedade da vida séria(..)”(BENJAMIN,1984:24) A relação com o outro invariavelmente resulta em uma mescla de si com o próximo, contudo na relação homem-criança temos tido a opressão à existência infantil. “E cada vez mais somos tomados pela sensação de que nossa juventude não passa de uma curta noite (viva-a plenamente com êxtase!); depois vem a grande ‘experiência’, anos de compromisso, pobreza de idéias e monotonia.” (BENJAMIN,1984:24)²⁷

A infância é um estágio rico, brilhante, potencialmente autônomo, deve-se crer nisso apostando em uma literatura correspondente. Milhares de escritores compõem o elenco dessa produção e muitos de nossos autores, que foram e são verdadeiros heróis não foram nem citados. A abordagem sucinta de escritores como irmãos Grimm, o próprio Monteiro Lobato almeja demarcar caracterizações muito válidas e ao mesmo

²⁶ PERROTI, Edmir. **O texto Sedutor na Literatura Infantil**. São Paulo: Ícone, 1996. p. 15.

²⁷ BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo, Summus, 1984, p.24. Expressão de desabafo de uma criança quanto às imposições da experiência vivida pelo adulto. A criança não tem o direito de experimentar sua própria realidade.

tempo referenciais para a história que estamos delimitando. Mais que conhecer obras, autores, produtores, professores e os próprios leitores, o maior feito é a compreensão de como se dão as relações subjacentes ao universo literário. Motivações, impulsos, desejos, vontades, desprezo, indiferença, aspirações, conquistas, obrigações, ou seja, os sentimentos que permeiam as atividades da cultura escrita, em especial a leitura da coleção Vaga-lume.

CAPÍTULO 2

Série Vaga-Lume: um famoso capítulo na trajetória dos livros infanto-juvenis no Brasil.

A cultura literária infanto-juvenil tendo em vista o desenrolar de sua história ensejou uma peculiar querela. O surgimento de um público infantil originou uma modalidade literária própria, visceralmente atrelada às questões educacionais. A literatura infantil foi conduzida a um consumo específico, sob a chancela de instituições sociais como a escola, não escapando aos ditames da mesma. Com isso preteriu-se uma das condições primeiras da literatura, a arte enquanto sinônimo de liberdade de criação.

Por muito tempo os livros infantis – sua escrita e leitura – foram atividades vinculadas intrinsecamente ao saber escolar, tornando-se patente o utilitarismo de tais o-

Mas o que importa no âmbito desse trabalho é notar que também aqui é feito uma distinção entre discurso utilitário e engajamento, sendo o primeiro

*rechaçado como categoria não-estética, ao contrário do segundo. Como em outros casos não se trata de instrumentalidade reduzindo a literatura, mas da literatura reduzida à instrumentalidade, vale dizer ao utilitarismo.*²⁸

bras. Ou seja, concluímos pelo fato de por vezes ser inevitável investidas na condição instrumental do discurso literário, enquanto apontamos para o balanço que deve haver entre discurso estético e discurso utilitário. Uma das acentuadas características da literatura infantil é a inconsistência de sua produção. São livros para crianças, porém não são escritos por crianças. Ao contrário, sua elaboração atesta como o adulto quer que a criança conheça/veja o mundo (idealizado). “... embora a superioridade desenhada nem sempre seja inovadora ou emancipatória.” (LAJOLO & ZILBERMAN. 1987:19)

A querela suscitada anteriormente, entre obras literárias e obras didáticas, deu-se graças ao ensejo de uma literatura infantil que pudesse cada vez mais ser equiparada à literatura infantil. Essa paridade é no sentido de constituir-se enquanto um discurso que pautasse sua habilidade criadora em si mesmo. A tríade narrador-narrado-leitor até então ocorria como uma solene narrativa didática, finalmente adquirindo ares de dinamismo e, sobretudo de gratuidade. Ou seja, os esforços de criação desatrelados de um padrão pragmático dominante, ocorrendo desinteressadamente. Os livros são a um só tempo, produções relativamente unilaterais, porém refletindo dialeticamente a realidade na qual está circunscrito.

Não mais estaríamos diante de um texto formulado tendo em vista a ação sobre o leitor – no sentido de ordenar-lhe a apreensão das situações relatadas, segundo a ótica de quem narra – mas sim diante de um texto que patenteando sua “artificialidade” e organizando-se em função de tal premissa, permite leituras em diversos níveis que deverão ser definidos pelo leitor, segundo seus próprios parâmetros. Passamos assim ao campo do que Eco chamou de “obra

²⁸ PERROTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1996, p. 15.

aberta”, onde a ambigüidade é a marca distintiva e fundamental, pois revela uma poética preocupada não mais com transmissão de certezas, de alinhamentos rígidos do mundo, mas com seu questionamento caso o leitor deseje, pois tal decisão também cabe a ele.²⁹

Qualquer livro não é somente uma opção ou outra a ser adotada, mas sim uma mescla de ambas. Por essa razão a arte da escrita deve ser proclamadamente democrática, para que seja afluyente de idéias, concepções, ideologias, tratando com reverência e criticidade toda realidade que se apresente. Com isso chamamos atenção para o livro “O Texto Sedutor na Literatura Infantil”, de Edmir Perroti, em que o objetivo primordial é assinalar o surgimento de uma nova tendência discursiva nas manifestações literárias dirigidas a grupos infantis e juvenis em nosso país:

É que a partir dos anos setenta, uma geração de escritores retoma a postura do iconoclasta Lobato. E já não isoladamente como o mestre, mas em conjunto – ainda que não atuando em grupos ou movimentos – colocará em crise, com seus trabalhos, a concepção utilitária da literatura para crianças e jovens, propondo uma nova compreensão para o fenômeno. Esta atitude mudará completamente o quadro geral dessa manifestação entre nós.³⁰

Muitos foram os incentivos/justificativas/apelos a clamar por uma renovação, tais como a disparidade entre literatura adulta e literatura infantil (as inúmeras escolas literárias, concretude de movimentos revolucionários não constituíam referência alguma para a literatura infantil); a condição enfadonha e estéril dos textos literários reduzidos ao utilitarismo (funcionalismo pedagógico) e a própria condição intelectual almejando por uma liberdade criadora que a um só tempo livrasse o autor da obrigação para com a moral e os bons costumes e o leitor, por sua vez, de uma leitura engessada de acordo

²⁹ Ibid , p,37

³⁰ Idem Ibid p. 11

com preceitos que verdadeiramente não tratam de sua típica realidade. Apesar de o conceito revolução evocar um arcabouço semântico com idéias de violento, abrupto, intempestivo, precisamos render-nos a certos movimentos revolucionários que ensejam transições não tão arrebatadoras como os próprios revolucionários gostariam que fosse. Afinal de contas não podemos descartar uma resistência até mesmo nos próprios revoltosos, tendo em vista a derrocada de um padrão dominante e conhecido, até então.

Apesar de Perroti assinalar a década de setenta como o período instável, no tocante ao ritmo de produção e edição de obras infanto-juvenis, tomamos conhecimento de autores que já fomentavam timidamente uma renovação em sua prática; assumindo-se mais como artistas e menos como moralistas/pedagogos (ainda que permaneça por prazo indeterminado a tendência de um exercício literário, que só o é no nome). Nesse contexto situamos a série Vaga-Lume enquanto um expoente da renovada prática discursiva. Não podemos afirmar a totalidade do comportamento inovador por parte de qualquer escritor que compusesse a coleção, porém a própria editora afirmava esse compromisso. Segue-se uma declaração disponível no ambiente *on-line* da editora Ática: “A Vaga-Lume oferece um amplo leque de opções ao jovem- da fantasia à trama policial, do primeiro amor ao tema social-, permanecendo fiel ao princípio de Monteiro Lobato: o livro deve se adequar ao leitor e não ao contrário.” É literal a noção de um novo jeito de escrever, evocando a prática de um mestre na literatura infantil, pode não ser nenhum contrato irrevogável, mas já assumia uma postura inovadora.

2-1 História e ficção: os vestígios do imaginário e os contornos da realidade histórica

Investigar, analisar e interpretar a série Vaga-Lume é assumir uma proposta de pesquisa com um relevante vestígio material. No colóquio em questão o sujeito-leitor é

o alvo que pretendemos alcançar. A série de leituras é o elemento vinculador desse indivíduo à realidade social. Isso não significa que seja possível uma dissociação qualquer, só destacamos aqui um dos possíveis elos de interação, muito válido tendo em vista as inúmeras relações que se mostram capazes de evocar.

O mecanismo de comunicação através da linguagem verbal, oral ou escrita (e os tantos outros códigos que também ensejam interação) é uma das principais instituições sociais já existentes. Desde o surgimento de um tempo historicamente datado, a habilidade estruturada de comunicação entre os homens foi uma alavanca para o desenvolvimento dos complexos e contraditórios “organismos sociais” nos quais coexistimos.

Per lo tanto, a la necesaria definición de la facultad biológica del language como constitutivo podemos agregar una definición igualmente necesaria del desarrollo del language – que es a la vez individual y social – como histórica y socialmente constituyente. Por tanto, lo que podemos definir es um proceso dialéctico: la cambiante consciencia práctica de los seres humanos, em la cual se puede acordar absoluta importancia tanto a los procesos históricos como a los evolutivos, pero dentro de la cual también pueden ser distinguidos em relación com las complejas variaciones del verdadeiro uso del language. A partir de esta fundamentación teórica estamos em condiciones de continuar avanzando para distinguir la <literatura>, dentro de um específico desarrollo sócio-histórico de la escritura, del abstracto concepto retrospectivo, tan común en el marxismo ortodoxo, que la reduce , como al propio language, a una función y luego a un subproducto (superestructural) del trabajo colectivo.³¹

De uma só vez deflagramos a linguagem como recurso biológico manuseado extensa e intensamente, sua prática tendo em vista o desenrolar dos processos históricos, resultando em “complejas variaciones del verdadeiro uso del language.” Sua utilização individual e coletiva atestando a ocorrência de uma matriz de infinitas pos-

³¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Barcelona, Provenza, p.58

sibilidade por excelência: a literatura, esse arcabouço ideológico, tratando o termo ideológico como “el proceso general de la producción de significados e ideas” (WILLIAMS, 1977:71) de criação imagética, portanto ficcional, porém não abrindo mão do estreito e por vezes indissolúvel vínculo com a realidade, com o mundo dito verdadeiro.

A obra literária, devido à potência especial da linguagem poética, cria uma objectualidade própria, um heterocosmo contextualmente fechado. Essa realidade nova, criada pela ficção poética, não deixa de ter, porém, uma relação significativa com o real objetivo. Ninguém pode criar a partir do nada: as estruturas lingüísticas, sociais e ideológicas fornecem ao artista, material sobre o qual ele constrói o seu mundo de imaginação. A teoria clássica da arte como mimese da vida é sempre válida, quer se conceba a arte como imitação do mundo real, quer como imitação de um mundo ideal ou imaginário.³²

O texto artístico só se faz inteligível com seu retorno ao processo social que o originou. Nesse sentido faz-se premente assumirmos a compreensão que ambas, tanto história quanto literatura detêm um modo de fazer permeado pela narrativa. O inventário do protocolo de cada uma aponta um constante e deliberado envolvimento com a temporalidade. Embora saibamos o quanto pode ser diametralmente oposta a condução de cada um dos fazeres narrativos, é preciso lançar mão de todo e qualquer ensejo profícuo que uma aproximação entre os saberes em questão possa acarretar.

Dessa forma, lê-se se a história simultaneamente ao ato de ler-se literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura. A forma diferenciada pela qual cada autor se sensibiliza e comporta diante de um mesmo cenário, glosando um mesmo tema, testemunha uma

³² SALVATORE, Donofrio. **Teoria do Texto1. Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2002. p. 20.

Se concebermos a ação da ficcionalidade da literatura como uma apresentação da práxis humana, intermediada através de um dado discurso, adotamos a literatura como uma leitura indireta e metafórica da experimentação do real. A análise dos discursos literários representando um perspicaz recurso a serviço da astúcia histórica: um vestígio indireto, porém recoberto da realidade que apresenta. “Desse modo, impõe-se concluir que a irrealidade do que chamamos ficção, é uma forma de redescrição do real – tomando-se, porém essa última palavra não mais no sentido de realidade empírica.” (NUNES in RIEDEL, 1988:25).

2-2 Livros para lá de diferentes, leituras para lá de movimentadas!

Dentre os mais de cem livros da coleção Vaga-Lume, publicada pela editora Ática, segue um prospecto do que vem sendo a trajetória dessa série que já conta com quase trinta anos de existência, além do que responde por livros que são “meninas dos olhos” do cenário literário infanto-juvenil. A estréia se deu com o exemplar **A Ilha Perdida** de Maria José Dupré. Ao lado de títulos como **Éramos Seis**, **Coração de Onça** e **Cabra das Rocas**. Privilegiando a diversidade de temas e aliada a uma sólida campanha de *marketing* a “Vaga-Lume” transformou-se na coleção mais aceita no ensino fundamental até hoje. Foi dado início a um conjunto de obras que oferece um leque de opções ao jovem – da fantasia à trama policial, do primeiro amor ao tema social – permanecendo fiel ao princípio de Monteiro Lobato: o livro deve adequar-se ao

³³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão. Tensões e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Braziliense, 1985, p. 241.

leitor e não ao contrário. Esta declaração pode ser tida como um contrato entre livro Vaga-Lume e o leitor.

A inviável análise de todos os livros da série é por conta do número de títulos e também porque uma leitura específica não desvenda outras posturas leitoras. “Uma história do ler afirmará, contra esse postulado, que as significações dos textos, quaisquer que sejam são constituídas, diferencialmente pelas leituras que se apoderam deles.” (CHARTIER, 1996:78) Isto quer dizer, para cada leitor há uma leitura específica. Por isso tomamos o rumo de uma macro análise da coleção Vaga-lume. A coleção subdivide-se em grupos temáticos nos quais os livros se inscrevem, tal abordagem nos consuz às engrenagens da editoração/publicação de tais obras. Com o traçado dos contornos temáticos, uma análise dos mesmos pode suscitar os apelos ideológicos veiculados pelos livros Vaga-lume. Qual as intenções que o aclamado herói Vaga-Lume tem para com a coletividade de leitores? Vale lembrar, jovens leitores, peculiares pelo seu período de transição da infância à maturidade, também no que diz respeito ao exercício do ler.

São enredos diversificados, suscitando inúmeras questões como drama familiar, disparidade social, machismo, assassinato, tráfico de crianças, competição esportiva, futurismo, ufologia, diversidade política, disputas religiosas, questões urbanas, entre outras. A editora Ática, ao registrar os livros no catálogo de demonstração o faz inserido-os em diferentes grupos temáticos. A nomenclatura de cada grupo não contempla definições pontuais no tocante a cada obra, os apontamentos são mínimos. A estereotipia restringe a particularidade de um determinado livro, pois remete-o a formatos expressivos de cada gênero disponibilizado. Grupos norteadores como: *realidade social, comportamento/attitudes, aventura, policial, fantástico, aventura/natureza, amadurecimento/amor/amizade* são os destaques, onde mais se inscrevem títulos. A formatação em questão é elementar para a editora, a apropriada apresentação de seus produtos, estruturada, contribui para a editora Ática ser expressivamente requisitada pelas escolas, por conta da qualidade de formulação e apresentação de suas produções didáticas. A estrutura mercantil das editoras significa esforço incessante para a conquista do aprimoramento do seu produto comercial e a uma posição hegemônica no mercado.

*Outro ponto sensível, identificado em todas as pesquisas mais recentes a respeito da escolha de livros didáticos, está no desempenho agressivo das editoras no mercado, que se valem de sofisticados esquemas de distribuição e vendas, a ponto de influir decisivamente nos processos de escolha das escolas de todo o país. Naturalmente, as empresas mais bem estruturadas desfrutam de larga vantagem frente às editoras menores.*³⁴

Outras menções classificatórias bem menos evocadas como *tipos humanos e situações do cotidiano, drogas, crime ecológico, escassez de água, aculturação do índio, conflito interétnico, exploração mercantil do conhecimento indígena* talvez digam respeito a temáticas que não encontraram correspondência nas experiências vivenciadas pelo leitor, ou seja, que não suscitam uma instantânea identificação no leitor. Entretanto, a consolidação da Ática enquanto editora bem-sucedida significa estabilidade financeira e possibilidade de manter publicações que não apresentam vertiginoso número de vendas, em contrapartida geralmente esses gêneros referem-se à assuntos de um viés acentuadamente ético ou social, ou seja, atendem aos apelos do ‘politicamente correto.’ “A instituição de uma cultura avaliativa, num contexto político democrático, acabou por desencadear poderosos mecanismos de reajustamento e adaptação no mercado editorial.”(MIRANDA & DE LUCA,2004:128).

Os assuntos mais citados, digamos, as abordagens mais requisitadas enquadram-se em uma sucinta variedade de temas. Embora a coleção seja tida como referência literária infanto-juvenil, alguns tipos em particular são ainda mais referenciais. Títulos como **O escaravelho do Diabo, Sozinha no Mundo, Ilha Perdida, Aventuras de Xisto**,(exemplar de 1989 é a décima oitava edição),**O caso da Borboleta Atíria, Cabra das Rocas** são definidos como: romances de aventura, policial, fantástico, de realidade social. Os livros alcançam em média dez edições, assegurando elevados números de distribuição.Com isso queremos dizer que apesar da coleção conter uma série de temáticas, algumas em particular detêm o maior número de publicações e leitores.

Passemos a uma análise mais atenta de títulos da coleção Vaga-Lume. Atenden-

³⁴ MIRANDA, Sônia Regina & DE LUCA, Tânia Regina. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD** IN Revista Brasileira de História- Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.24, n.48, julho-dez2004. p.128

do a um apelo aparentemente arbitrário todavia passível de justificativas voltemos nossa atenção em particular para **Aventuras de Xisto** por Lúcia Machado de Almeida e **Açúcar Amargo** de Luiz Puntel. Confirmamos a escolha pelo fato de ambos os autores serem expoentes da vertente literária infanto-juvenil. Ela, versada na literatura fantástica/aventura defende com maestria um dos tipos mais bem-quistos pelos adolescentes, pois além da temática favorável também possui fluência na comunicação com essa faixa etária. Já Puntel abraça a citada vertente: realidade social, pois através de títulos como **Tráficos de Anjos, Meninos sem Pátria, Deus me Livre** dá o ar de sua graça literária abordando questões atreladas a componentes de nossa vivência em sociedade. São dois enredos aparentemente opostos, mas sobretudo coexistentes em um mesmo universo. Aponto **“As aventuras de Xisto”** como uma obra transitória entre uma escrita tipicamente pedagógica e outra com tendência à arte literária. Porém mesmo a décima quarta edição, de 1982 vincula Almeida muito mais ao discurso utilitarista do que Puntel com **“Açúcar Amargo”**. Entretanto mesmo subjacente a uma condição, desenrola seus enredos desenvolvendo um diálogo ágil com o leitor, significando a evolução da literatura infanto-juvenil rumo a horizontes onde o leitor é o personagem de ordem capital.

Puntel aborda uma realidade tipicamente brasileira. Rendemo-nos ao fato de tratar de uma temática recorrente: regionalismo, amplamente discutido em círculos literários anteriores. Sua roupagem é diferente, afinal de contas mescla elementos diversos como luta trabalhista com conflito familiar, confusões adolescentes, relações amorosas. Apesar de não fugir a simplicidade temática pertinente a literatura infantil, articula temas diferentes. Podemos delimitar nuances pedagogizantes, todavia o retrato da vida dos trabalhadores rurais consegue assumir um importante compromisso social, mesmo que indiretamente.

“Aventuras de Xisto”, obra de ficção em prosa, insere-se em uma das temáticas mais bem-sucedidas entre os jovens leitores. Mesclando fantasiosas personagens e lugares a aventuras de toda espécie, compõem-se uma narrativa que consegue a completa atenção/rendição ao enredo por parte do leitor.

O tempo e o espaço da história são imaginários, elementos como cavaleiros errantes, bruxos maléficos, reinos distantes, adolescentes transformados em canários ou retornados à condição de bebês compõe o enredo. É uma ficção fantasiosa que apresenta certo viés doutrinário: as peripécias e trajetória do protagonista-herói são aclamadas como única e possível chance de ser feliz.

O enredo possui incontáveis situações de perigo e aventura que devem ser resolvidos por Xisto e seu fiel escudeiro Bruzo. Apesar dos leitores não perceberem conscientemente, é notável a condução do enredo e seu desenrolar em um fim sem muitos sobressaltos, uma vez que o bem se sobrepõe ao mal. A inquestionável superioridade dos princípios do bem contra as falcatuas do mal. O protagonista do enredo, Xisto, é a aglutinação de virtudes como coragem de enfrentar todas as maldades (bruxos e reis gananciosos), humildade de recusar todos os tesouros por suas benfeitorias, uma vez que nenhum bem material seria tão resistente quanto à sabedoria alcançada, inteligência para sobrepujar todo e qualquer mal que interpelasse sua trajetória. E como não detinha o elemento da força física, Xisto contava com seu fiel, musculoso, porém não tão astuto escudeiro, Bruzo. Os personagens evocam uma pragmática almejada, porém sua composição a partir de tipos maniqueístas suprime a condição humanitária dos personagens. A bipolaridade é intrínseca ao enredo, onde se dividem de um lado as boas e confiáveis figuras (Xisto, Bruzo, Oriana) e de outro os representantes do mal (Minoco, Barba-Coque, Fredegonda).

Há a delimitação de um contexto, porém descrito o bastante apenas para situar os feitos do cavaleiro Xisto e seu escudeiro Bruzo. Estes por sua vez, simbolizam modelos ideais. É patente a identificação da criança com o mundo imaginário e, por conseguinte a tomada dos valores desse mundo.

Noções como coragem, ganância, inteligência, humildade, astúcia e lealdade compõem a trama das **Aventuras de Xisto**. Seus modelos ou tipos ideais apresentam-se como importante vestígio legado pela literatura infanto-juvenil a fim de que saibamos acerca dos heróis e valores que são transmitidos aos jovens leitores. Os componentes aventura e astutas peripécias são lúdicos participantes a atenuar a carga ideológica veiculada através do enredo.

- É inexplicável o que acabamos de presenciar! Espantoso! Mirabolante! – exclamava El-Rei, entusiasmado. – Dir-se ia obra de bruxaria! Posso garantir-vos, entretanto, que isso foi trabalho de nosso amigo Xisto.

- Aquele moço não é feiticeiro, Alteza e só por meio de artes mágicas poderia ser explicado um fato desses – ponderou o general-chefe das tropas.

- Que nada, o menino tem aquilo que governa o mundo, apesar de tudo – disse o rei, pondo simbolicamente a mão na testa e no peito. – Xisto nasceu com uma inteligência fora do comum, uma força de vontade sem limites, e pôs essas faculdades a serviço dos mais altos ideais de seu nobre coração.

- Viva Xisto! – gritaram todos. – Queremos Xisto! Queremos Xisto!³⁵

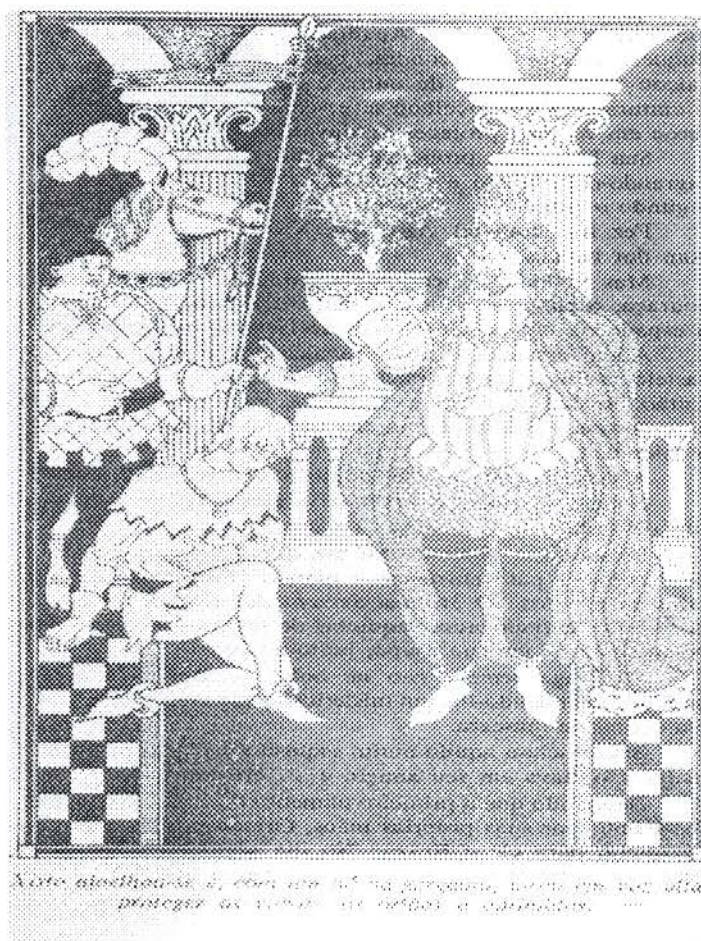


Ilustração 1

³⁵ ALMEIDA, Lucia Machado. **Aventuras de Xisto**. São Paulo, Ática, 1989, p.23. Uma conversa entre El Rei Magnoto e um de seus súditos sobre os feitos de Xisto, situação em que se evoca seu heroísmo, suas qualidades e condição de bom moço.

Em contrapartida, a ficção em prosa do texto de Luiz Puntel, **Açúcar Amargo**, propõe-se mostrar a realidade das condições de trabalho dos bóias-frias. O relato da trama aponta características dos personagens facilmente identificáveis em muitos de nós, porém sem perder a peculiaridade que cada figura fictícia garantidamente resguarda. O fato de ser uma narrativa baseada em fatos reais imputa ao narrar diretrizes irrefutáveis. Apesar de ser uma obra de ficção, sua ocorrência não se dá desatrelada de um contexto real. Não podemos ver Xisto nem Bruzo caminhando pelas ruas de nossa cidade devido sua estrutura fictícia manifesta. Já a personagem Marta ou Pedro seu pai pertencem a uma ficção latente, viabilizando a construção de personalidades que facilmente detectamos no cotidiano brasileiro. A remanescente condição agrária de nosso país é contexto de trabalhadores rurais assolados até os dias atuais por ambientes inóspitos de trabalho.



Ilustração 2

- *Esse gato, o tal de Mendonça, vive explorando a gente, Zefa – Pedro desabafou, no dia do pagamento. – Eu me mato que nem um condenado para aumentar a produção e, no fim da semana, recebo essa ninharia...Sentado à mesa, pois o jantar já estava servido, Pedro continuou:*

- *A usina paga para ele, que rouba da gente...*

- *É por isso que chamam eles de gato, Pedro. São espertos,manhosos,rápidos como eles...*

- *Tá tudo errado, Zefa. A gente começa devendo. Pois ele teve o descaramento de cobrar as ferramentas. Logo de cara, tivemos que comprar o podão, as limas, as enxadas, tudo no armazém do Pimenta. Se comprasse em outro, ele não deixava subir no caminhão. E olha que tava tudo mais caro que nos outros lugares. Então, a gente já começou devendo...*³⁶

A estrutura do romance apresenta-nos personagens de naturezas diversas como Marta, a protagonista da história, Pedro, Zefa e Altair, seus familiares. Agenor, seu namorado; Tânia, a professora esclarecida e mais amiga do que professora. São figuras que intercambiam com tipos reais, a exemplo de Marta, típica adolescente, perseguida pelo machismo do pai e do irmão e tendo que enfrentá-los sozinha, uma vez que sua mãe é o tipo feminino submisso, omissor, entretanto o desenrolar dos fatos mostra que mesmo aquela mulher submissa é capaz de manifestar sua opinião para o marido: “- Escuta aqui, criatura! – Zefa, pela primeira vez na vida, ousava falar alto com Pedro. – Marta não quis fazer você passar carão coisa nenhuma. Ela estava era mostrando que tem muito valor, que é muito trabalhadeira,que...” (PUNTEL,1997:78)

O desenrolar da história não faz alusão a uma data propriamente, entretanto é uma proposta datada, refere-se a uma típica realidade nacional, vivenciada nos dias atuais.Demarca uma luta trabalhista por melhores condições de trabalho que já é uma constante na história brasileira. Há menção quanto à região onde acontece o enredo. São cidades do interior de São Paulo:Guariba, Bebedouro, Catanduva, com economia movimentadas pelo cultura da cana-de-açúcar.

³⁶ PUNTEL, Luiz. **Açúcar Amargo**. São Paulo, Àtica,1997,p.46.

O romance de Puntel edifica-se em representações diversificadas. Lança mão de uma abordagem sócio-cultural através do contraste de interesses entre usineiros produtores de álcool e bóias-frias, colhedores da cana-de-açúcar; entre tradição machista e anseios feministas; entre patriarcalismo conservador e juventude inovadora. Tratam-se de personagens edificados de maneira fundamentada, pesquisa perceptível devido aos registros de agradecimentos à Comissão Pastoral da Terra pela disposição de arquivos e por uma emblemática frase de uma verdadeira bóia-fria que relata o caráter ambivalente do açúcar: doce e amargo, de acordo com quem ganha ou perde com sua colheita.

Palavras-chave como desigualdade social, machismo, conflitos sentimentais, direitos trabalhistas, esboçam horizontes dessa história que pode ser tida como instrumento de entretenimento, mas somente em segundo plano.

Com a evolução da sociedade humana pelo pensamento reflexivo e pelo progresso das ciências, o papel do mito passa a ser exercido por poetas e artistas. A estes coube lançar mão da fantasia para criar mundos imaginários, onde as aspirações do inconsciente coletivo pudessem realizar-se. Se o mito, conforme já foi definido, é uma macrometáfora, pois é a criação de uma história ficcional que estabelece parentescos entre realidades diferentes para captar parcelas de sentido do mundo, da mesma forma, todo texto literário encerra aspectos míticos pelo concurso da imaginação que desafia a lógica existencial. Os arquétipos míticos da luta e do triunfo do princípio do bem sobre o mal encontram-se na concepção do herói épico, na idealização do cavaleiro andante da novela medieval, na inspiração do romance de capa e espada, nos contos de fada e na literatura de cordel, no duelo entre o detetive e o criminoso da narrativa policial, na configuração do herói da ficção científica, na elaboração de fábulas e personagens de telenovela.³⁷

³⁷ SALVATORE, Donofrio. **Teoria do Texto1. Prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2002. p109.

A literatura infanto-juvenil ainda circunscreve suas obras a um necessário e estreito relacionamento com o saber místico, condução maniqueísta do discurso além de reduzir as finalidades precípua da leitura ao recrear e ao educar. Essas funções são inerentes, não há como discutir, entretanto é válido refletir o quanto essa lúdica intenção veicula de forma imprópria o pensamento do grupo social. Mesmo com todo o progresso da ciência ainda manuseamos nossa interpretação acerca do mundo através do mito, esse plano mágico, quase que ilógico, se comparada às estruturas do pensamento racional.

Tem havido conquistas para a cultura literária infantil. O desenrolar do texto nos demonstrou isso. O leitor foi incluso nas fronteiras do discurso, exercendo papel mais ativo em um universo que lhe diz respeito mais do que a qualquer outro.

Entretanto, nossa irrevogável forma de encararmos a criança como um sujeito a ser integrado à realidade obtida através de experiências unilaterais deve ser passível de revisão. Essa intermediação deve pautar-se por valores que resguardem essa fase que é muito fértil, além de muito sensível. A leitura enquanto instrumento integrador tem no sujeito adulto o anfitrião que apresenta a criança ao mundo. Nesse sentido, integração entre o sujeito que escreve e o sujeito que ensina é condição *sine qua non* a fim de inaugurarmos uma iniciativa coletiva em prol de uma linguagem que se dê cada vez mais democrática e devidamente respaldada em premissas que tomem a criança como sujeito único e fundamental por si mesmo.

Capítulo 3

Horizontes da leitura no curso entre a quinta e oitava séries: o material vaga-lume como guia.

Nossa reflexão volta os olhos para um sujeito que é figura intrínseca desse enredo. Até o momento tratamos de questões, condições e circunstâncias que permeiam a existência de nosso sujeito leitor, a criança, o jovem estabelecendo vínculos com o universo da cultura escrita.

Nesse ponto do trabalho é inevitável além de imprescindível lidar diretamente com o sujeito-objeto de nossa análise. Ninguém é mais indicado que o próprio leitor, a fim de nos auxiliar na construção de sua própria imagem, imagem essa ainda tão incipiente quando nos referimos aos estudos referentes ao exercício de ler. “(...) coloco-me do ponto de vista do leitor, mais do que da leitura, no sentido em que esta palavra designa abstratamente uma operação. O que eu questiono é o leitor lendo, operador da ação de ler.” (ZUMTHOR, 2000:29). Tendo atestado a devida importância do diálogo com os indivíduos participantes e praticantes dessa atividade social que é a leitura, apontamos a relevância da história local e oral, com suas contribuições e aferições do fenômeno histórico que tratamos.

Documentos não podem responder; nem depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infundável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato.³⁸

A apreensão dos contornos psicossociais do operador da ação de ler implica espreitar relações circundantes e intrínsecas, do leitor consigo, com a coletividade e com uma série de eventos constituintes do cotidiano do leitor. A abordagem da série Vagalume conduziu-nos ao espaço social da escola e por conseguinte ao leitor que é o estudante. Relações causais que nos permitem a partir de uma opção de leitura visualizar

³⁸ SAMUEL, Raphael. **História Oral e História Local**. Revista Brasileira de História – Órgão da Associação Nacional dos Professores Universitários de História – São Paulo, setembro de 1989.

os horizontes de uma prática instituída. Leitura tipicamente ambientada entre as quinta e oitava séries do primeiro grau nos orienta a uma definição pretensamente clara e pontual do perfil do nosso leitor. O fato de trabalharmos com adolescentes entre dez e quinze anos aproximadamente, nos esclarece quanto às informações acerca da instabilidade e ao mesmo tempo da suscetibilidade típicas desse período etário.

Qualquer que seja a ótica adotada para vislumbrarmos a dinâmica cultural de cultivo do impresso, não podemos deixar de levar em conta a acentuada contribuição das condições e circunstâncias, coletivas e individuais, que contextualizam a formação do jovem leitor. Na adolescência, a busca da identidade é o tema dominante. O jovem deve comprometer-se com uma identidade ocupacional e uma identidade sexual. Além disso, há mudanças nas capacidades intelectivas, no julgamento moral e, certamente, na maturidade física que ocorre nesse período, tudo isso influenciando na percepção que detinham da vida até então.

Ao pensarmos na tríade escritores, livros e leitores, ou mesmo nos termos emissor, mensagem e receptor, devemos mensurar o quão balanceado é o esforço de pesquisa voltado para cada um dos elementos que compõem a instância de comunicação veiculada pelo livro. Com isso chamamos a atenção para a disparidade dos tratamentos dispensados aos elementos do fato literário: autor, leitor, livro e não menos participativo, o contexto de interação dos mesmos. Ao abordarmos tal disparidade o fazemos a partir das seguintes deixas. “O autor, sujeito produtor do texto, cai sob o fogo cruzado dos projetores; o leitor, a quem não se nega a qualidade de sujeito da recepção, fica na penumbra.” (ZUMTHOR, 2000:25). Lajolo e Zilberman reiteram a precedente citação, confirmando que o operador da ação de ler ainda apresenta contornos débeis, praticamente obscuros.

A Teoria da Literatura ainda não chegou, e provavelmente nunca chegará a um consenso relativamente a essa solerte figura, mas isso é uma vantagem: o leitor pode ser examinado como público na perspectiva sociológica, como destinatário, conforme quer a teoria da comunicação, ou tal como o desenha o escritor, criatura igualmente fictícia com quem um narrador dialoga e a quem procura influenciar. Em qualquer uma dessas figurações, porém o leitor é

*personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista.*³⁹

Além do abandono científico, constata-se também descaso por conta de instituições políticas, no que diz respeito à condução com proficiência de empreitadas pedagógicas que almejem contextos educacionais favoráveis à formação íntegra de seus escolares.

*Apesar dos esforços isolados, não conquistamos – e infelizmente – a democratização da sociedade. Portanto, não temos e nem vivemos a democratização da escola e, por consequência, não convivemos com uma situação de democratização da leitura, no sentido real e objetivo da expressão.*⁴⁰

Assim, procuramos apreender mais detidamente a postura daquele que interage com a obra, desvendando o livro pelo ato da leitura. Respaldamos tal conhecimento a partir de entrevistas obtidas com leitores e também com os interceptores que lhe medeiam a relação com a educação escolar, com o livro; estimulando, propiciando ou até mesmo deturpando uma prática acurada. As entrevistas são pareceres unilaterais, o crédito resulta da questão representativa que a história local assume frente a um fenômeno de proporções tão amplas quanta a prática da leitura, em suas mais variadas vertentes. Direcionar a devida atenção ao elemento leitor, servindo-se de recursos como o seu discurso para a apreensão de sua participação no fato literário, objetivando com isso vislumbrar um pouco mais do exercício social da leitura, haja vista que desde as primeiras investigações e estudos desse exercício, sempre encontraram obstáculos. “Mas, em vista do atual estado da documentação, não é possível saber quem eram os leitores de Voltaire, nem como respondiam a seus textos. A leitura continua a ser o es-

³⁹ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996, p. 10.

⁴⁰ SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. Ática, 1991 p. 40

tágio no circuito de livros que oferece maiores dificuldades de estudo.” (DARNTON.1990:121)

Desde o instante de seu surgimento, o livro, ou seja, a cultura impressa caracterizou-se como uma instância social, de domínio coletivo. Bresson foi esclarecedor ao abordar a noção de leitura mais como uma confirmação do capital cultural de cada um que lê, do que especificamente o manuseio de mecanismos interiorizados a partir de práticas exteriores ambientadas na escola. Cada livro é veículo de imensuráveis mensagens, cada mensagem única para cada um que lê, sendo cada leitura resultado direto da integração dos conhecimentos diversos do leitor, suas experiências e contexto de aprendizagem não somente escolar, mas principalmente a herança cultural herdada do ambiente familiar, tão fecundo no que diz respeito à constituição de seus herdeiros diretos.

Para a sociologia das práticas culturais a leitura é uma arte do fazer que se herda mais do que se aprende. E por essa razão, ela tem mais frequentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura, do que como valor de instrumento da mobilidade cultural em direção a esses mesmos grupos sociais. Colocando o acento mais sobre o ler do que sobre o livro, sobre a recepção mais do que sobre a posse, os pesquisadores demonstram amplamente que, na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam. Ao aprender a ler, a criança contentar-se-ia em reinvestir no domínio do escrito as práticas culturais mais gerais de seu meio imediato. A rigidez da tecnologia pedagógica e a normatividade dos procedimentos de avaliação mascarariam, por si só a diversidade dos resultados obtidos.⁴¹

Essa constatação confirma nosso posicionamento acerca da contribuição do período infantil para a consolidação de qualquer prática, hábito ou costume. São anos

⁴¹ BRESSON, François. **A leitura e suas dificuldades** in CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade 1996 p.37.

que poderíamos concluir como contundentes, pois compõem o substrato sobre o qual irá se erigir a condição da maturidade. É significativo compreendermos quanto são atreladas o ato de ler e o contexto educacional, com isso queremos dizer do vínculo causal entre a vida do leitor e a vida do estudante, variavelmente a primeira condição sendo gerida a partir da segunda. Segundo Silva:

Por que as famílias enviam seus filhos à escola? Para atender a muitos propósitos, dentre os quais o 'aprender a ler' e, mais tarde o 'ler para aprender'. Quer dizer, conseguir que a criança torne-se capaz de compreender os diferentes tipos que existem em sociedade e, assim, possa participar da dinâmica que é própria do mundo da escrita. Esta expectativa social deve ser assumida e cumprida pela escola através de ações docentes - observar criticamente o que ocorre na sociedade - e das práticas curriculares.⁴²

E quanto a questão do capital cultural, quer dizer a posse de uma prévia condição que sustente a aptidão da criança em “(...) reinvestir no domínio do escrito as práticas culturais mais gerais de seu meio imediato.” (CHARTIER, 1996:37). São realidades contraproducentes, “As classes trabalhadoras enviam seus filhos às escolas para que aprendam a ler, escrever e contar, etc. Subjacente a estes objetivos, coloca-se o sonho da ascensão social pela escola e pelo estudo.” (SILVA, 1991:20). A mobilidade social, tão almejada pelas classes populares, cultivada enquanto *status* obtido através dos trâmites escolares, não conclui-se a partir da postura adotada pelas mesmas.

E, finalmente, as escolas não são tão meritocráticas como muitos pesquisadores educacionais gostariam que pensássemos. Embora muitas pessoas ainda aceitem a noção de que a escola serve para maximizar a probabilidade de mobilidade pessoal, levando de alguma forma direta à possibilidade de uma vida melhor mais tarde, análises recentes sugerem que

⁴² SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo Àtica, 1991 p.47

*não é isso que acontece. Pois se vivêssemos de fato numa ordem meritocrática, 'esperariamos que a relação entre as notas nos testes escolares e o êxito na vida adulta aumentasse com o tempo, e que a relação entre a origem familiar e o êxito adulto caísse'. Nada disso está ocorrendo. Ao invés disso, a evidência existente indica que tem havido pouca diminuição na correlação entre origem social e êxito escolar.'*⁴³

A partir de entrevista realizada com uma estudante de sexta-série da Escola Estadual Bueno Brandão detectamos na fala da mesma uma precisa referência à mãe enquanto elemento de propulsão à vida escolar, por conseguinte à leitura. Porém, as condições sócio-econômicas, culturais de nossa sociedade arrastam uma grande maioria populacional à empreitadas em prol da manutenção material da vida. Esse contexto invariavelmente atribulado e extenuante significa incontestável obstáculo para que a família - tratando aqui do núcleo social que em um primeiro instante interfere na condução da consciência individual de seus componentes - atue obstinada e ativamente na manutenção intelecto-cultural de seus descendentes. O contexto de envolvimento de todos os membros economicamente ativos de uma família, em jornadas de trabalho é tipicamente brasileiro (seja pela baixa renda familiar ou mesmo em função do alcance de um padrão financeiro que atenda aos apelos consumistas tão alardeados pelos meios de comunicação). As classes populares buscam projetar em seus descendentes, aspirações quanto a ascensão social, porém estão tão atribulados em garantir a sobrevivência presente que não possuem as energias necessárias para fomentar uma realidade familiar mais consoante com seus projetos.

“Não sei dizer se gosto ou não de ler, sempre que a professora pede, eu leio, até porque depois de cada livro que a gente lê vem sempre uma prova, um jeito forçado de provar se a gente leu ou não o livro. Minha mãe controla minhas

⁴³ APPLE, Michael. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p .58.

notas e sempre cobra que eu fique com azul no boletim, ela trabalha o dia todo mas sempre tem tempo de pegar no meu pé. Por causa da escola tenho que ler alguns livros de vez em quando, tirando os livros que a professora de português pede para gente ler quase não leio mais, não gosto da obrigação de ter que fazer as coisas, só leio para fazer a prova. Alguns livros são legais, outros já são muito chato."⁴⁴

Muitos leitores são impelidos pelo contexto escolar, necessariamente balizado pela cultura impressa, ao contato com os livros. Talvez por isso seja tão difusa a postura depreciativa com que os alunos encaram a prática da leitura. Ou seja, o único contato efetivo com os livros é na escola, variavelmente não há em outro contexto de convivência experiências que enalteçam a cultura escrita, estimulando um contato prazeroso e funcional com os livros. A leitura deveria se dar a partir da consolidação de um hábito, uma prática cotidiana que não estivesse necessariamente atrelada aos mecanismos normativos e avaliativos do ambiente escolar. No livro "Palavra e Imagem: leituras cruzadas"⁴⁵ as autoras citam a relação afetiva que a criança estabelece com o livro, geralmente introduzida a partir de um ente próximo, um familiar que imprima na criança bons sentimentos em relação à cultura impressa. Importantes personalidades do contexto intelectual são emblemáticas no que diz respeito ao estabelecimento de uma relação afetiva com o livro, relação que deve preceder qualquer outra. Carlos Drummond de Andrade, esse renomado escritor diz que livro e história de vida equivalem-se. Esse relato trata de uma fato em si: do prazer que sentiu ao receber do pai uma coleção de capa verde, que lhe proporcionou viagens infinitas a partir do contato físico com os livros. Na verdade, a atração do escritor itabirano pela letra impressa desde cedo revelou-se pela figura do pai. Outra terna e lúdica lembrança é evocada pelo filósofo Jean-Paul Sartre, para este intelectual o livro é o substituto da "Infância vivida..."

⁴⁴ Entrevista gravada com a aluna Maria Paula Teixeira, da sexta-série, da Escola Estadual Bueno Brandão. Data: dia 05 de agosto de 2006, duração: trinta e cinco minutos.

⁴⁵ WALTY, Lara Ivete Camargos & FONSECA, Maria Nazareth Soares & CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e Imagem: Leituras Cruzadas**. Belo Horizonte: Autêntica: 2000, p. 31

*(...)deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu dava assalto à sabedoria humana. Foi ela quem me fez. Nunca esgaravatei a terra, nem farejei ninhos, nem herborizei nem joguei pedra nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade.*⁴⁶

Há situações do cotidiano dos estudantes que realmente podem ser tidos como empecilhos para o ensino, para o acesso à cultura escrita. Conforme entrevista com a professora Olga, da área de português da Escola Estadual Bueno Brandão a condição sócio-financeira é determinante para a condução de qualquer disciplina. Os livros da série Vaga-lume são muito bem aceitos pelos alunos, porém outros critérios são avaliados, o acesso dos alunos aos livros adotados, por exemplo. A professora Olga ao ser questionada por não adotar outras vertentes literárias, com temáticas mais elaboradas e engajadas, posicionamento mais crítico e reflexivo sobre as disputas sociais que vivenciamos, nos contemplou com a seguinte colocação.

*Uma vez, se não me engano em 1997 trabalhei como o livros **Os Corumbas**, o único livro de um autor chamado Amando Fontes. Se não me engano trabalhei com a sétima série, os alunos por sinal gostaram muito, é uma obra que trata da realidade proletária, esclarecedora acerca da condição dos trabalhadores, inclusive se você não leu eu lhe recomendo, iria gostar muito. Nesse caso duas questões são importantes, a maturidade dos alunos daquele ano eu não encontro mais nos alunos de hoje, na verdade as minhas salas de sétima série do ano passado eram mais maduras que as turmas desse ano. Ah, e tem outra coisa, eu preciso trabalhar com livros que sejam acessíveis aos meus alunos. **Os Corumbas** é uma qualidade mais cara de livro, grande parte dos alunos não podem comprar e muito menos os livros estão disponíveis na bi-*

⁴⁶ SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. Rio de Janeiro: Difel, 1978 s/p.

*biblioteca da escola nem na biblioteca municipal. A situação às vezes é muito delicada: uma vez perguntei a um aluno porque ele tinha rabiscado o erro na prova ao invés de apagá-lo, ele me respondeu que não tinha borracha. Outra vez um aluno que havia faltado por toda uma semana justificou que o problema já estava resolvido mas que tinha ficado sem passe escolar para ir à escola. Agora me responde você, eu tenho ou não que ter tato até nos livros que escolho para recomendar em sala de aula?*⁴⁷

Mais do que engajamento político, criticidade, o professor também deve ter bom-senso na aplicação de sua disciplina. Professora Olga reitera afirmando:

*Gosto muito da série Vaga-lume, os autores da Vaga-Lume conseguem estimular o desejo de ler nos meninos. Livro como **Perigos no Mar** apresenta todo um quê de aventura, de emoção, gerando todo um histórico de identificação por parte dos alunos. Por essa razão que gosto de trabalhar com a série, os mistérios e uma variedade de questões que são abordadas são quadros apreciados por nossos jovens leitores. Por exemplo ao recomendar a leitura de **Barcos de Papel** gosto sempre de tratar do tema valorização da família. Outro título **Sozinha no Mundo** é um livro que deveria ser dado para todas as adolescentes até pela visão de mundo que a menina-personagem, que preenche as páginas do livro com suas dificuldades e tristezas pelo fato de ter perdido a mãe, transmite. As outras editoras possuem bons livros, entretanto a Ática possui livros que no geral são bons.*⁴⁸

O diálogo com a professora de português demonstra-nos o quanto é específica cada situação de leitura. Ecléia Bosi em seu livro “Cultura de Massa e Cultura Popular - leituras de operárias”, realiza sondagem sobre a leitura ocorrida em meios operários,

⁴⁷ Entrevista concedida pela Profa. Olga, da disciplina de português, do colégio Bueno Brandão. Data: 04 de setembro de 2006, duração: cinquenta minutos.

⁴⁸ Idem.

particularmente por mulheres operárias, detectando tipos específicos de literatura manuseada, justificativas para a leitura, contexto da mesma, o modo como a cultura escrita atingia tais trabalhadoras. Já em nossa pesquisa lidamos com outra qualidade de leitores, talvez até mais deficiente, ou menos ansiosos por uma realidade econômica mais animadora, afinal de contas é um grupo que em sua grande maioria não pratica a leitura escolar a partir de uma atitude deliberada e sim compulsiva.

Isto nos levar a falar da noção de disponibilidade. A vida colectiva absorve o indivíduo por várias formas. Assim a idade é um factor importante: educação, formação profissional e conquista de uma situação deixam o adolescente e o rapaz tanto menos disponíveis para as leituras não funcionais quando é certo que os seus momentos livres são ocupados por numerosas actividades recreativas, especialmente o desporto. Todavia, o jovem continua a ler porque tem poderosos motivos (é a idade das crises de personalidade, dos choques com a colectividade). Todas as sondagens indicam que ele é um leitor apaixonado e ávido, mas lê pouco fora dos estudos e o círculo de suas leituras é relativamente estreito.⁴⁹

Nesse íterim compreendemos que a cada investigação sobre o leitor deparamo-nos com contextos diversificados, motivações diferentes, análises divergentes. A visão mecanicista da leitura como mera codificação e decodificação de mensagens restringe a compreensão dos vários circuitos de leitura que podem ser apreendidos no histórico do sujeito que lê.

No entanto, mesmo que seus textos tenham chegado a nós sem nenhuma alteração – o que é praticamente impossível, considerando-se a evolução do formato e dos livros como objetos físicos – , nossa relação com tais textos não pode ser a mesma dos leitores do passado. A leitura tem uma história. Mas

⁴⁹ SCARPIT, Robert. *Sociologia da Literatura*. Lisboa: Arcádia, 1975. p. 205.

*como recuperá-la?*⁵⁰

A atividade de leitura forjada pelo apelo escolar é o ato de leitura que estamos sondando. A escola e os demais ambientes que intercalam sua atuação são os espaços propostos de recuperação da história dessa leitura. Personagens os mais diversos são relevantes na delimitação dessa história. Nesse sentido nossa primeira entrevista deu-se a partir de outra abordagem, pois não tratava-se de entrevistar o leitor propriamente dito, nem mesmo seus mediadores mais imediatos. O diálogo foi com a assistente da sala infanto-juvenil da Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia.

Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia trata-se do único acervo municipal com obras múltiplas, desde didáticas, para-didáticas, literárias, espiritualistas, acadêmicas, entre outras; onde estão dispostos profissionais, prestando assistência, orientação e suporte para atividades quaisquer que possam ser desenvolvidas naquele espaço. Apesar de contarmos com outros acervos, vinculados aos campus universitários – dentre eles a Universidade Federal de Uberlândia –, é nítido o vínculo de estudantes de primeiro grau à biblioteca municipal. Há portanto uma típica divisão de trabalho entre tais instituições. Essa divisão inclusive facilita o contato com os eventos que dizem respeito à relação leitor e coleção Vaga-lume, pois invariavelmente as consultas, pesquisas, frequências de estudantes de primeiro grau ocorrem mais acentuadamente no acervo municipal.

A assistente Deise, do setor infanto-juvenil concedeu-nos a entrevista no próprio ambiente de trabalho. A princípio preferiu me conduzir à bibliotecária-chefe, uma vez que essa possuía o conhecimento acadêmico da questão. Entretanto, quanto às motivações da pesquisa, necessitávamos de informações sobre dados, eventos que apenas quem estivesse lidando diretamente saberia passar com mais prontidão. Tendo compreendido nossa demanda a assistente constituiu-se elementar, afinal, era a interceptora para todo aquele que procurasse a sala infanto-juvenil. Ao ser questionada sobre sua visão acerca da relação dos leitores com a série Vaga-lume demonstrou-nos um parecer próximo ao da professora Olga.

⁵⁰ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 147.

*É a coleção de livros mais procurada. Os livros são muito bem vistos pelos leitores, pois tem uma atmosfera de fantasia, aventura, suspense, magia, com personagens como os próprios leitores, jovens, porém cercados de uma vida fictícia, imaginária e por isso mesmo maravilhosa. São livros solicitados pelas escolas, especialmente as escolas públicas, não me lembro de já ter atendido turmas de alunos de escolas particulares procurando pelos livros da Vaga-lume. No semestre passado tivemos uma grande procura pelos livros **Escaravelho do Diabo e Spharion**, solicitados pela Escola Estadual Honório Guimarães. E os livros também são procurados por outros motivos, quase todas as publicações possuem na contracapa a relação de alguns títulos da coleção. Muitos leitores chegam com livros na mão apontando outras histórias, perguntando se temos para emprestar, com isso estabelece-se uma relação com a série. Muitos exemplares nós não temos, especialmente os mais recentes, pois a biblioteca não tem aquisição de novos títulos, muitos leitores procuram por lançamentos de Marcos Rey e não encontram.*⁵¹

Ambos os pareceres, tanto da professora quanto da assistente apontam para uma questão relevante no contexto de livros infantis. Destacando as características dos livros Vaga-lume, apontam praticamente as mesmas descrições, definindo-os como histórias de aventura, magia, realidade social, comportamentos e atitudes, policiais. Com isso detectamos um já alardeado recurso na elaboração e publicação de obras infanto-juvenis. Aventuras de Xisto (1957) de Lúcia Machado de Almeida por exemplo, é um exemplar em que a aventura aparece enquanto tema privilegiado, lembrando que o personagem Xisto é protagonista de três títulos da coleção Vaga-lume. Temáticas recorrentes são marcas registradas de publicações como a comentada coleção, que por mais abordagens possam apresentar, as mesmas podem ser catalogadas conforme delimitações pré-estabelecidas.

⁵¹ Entrevista concedida por Deise, assistente bibliotecária do setor infanto-juvenil, da Biblioteca Municipal de Uberlândia. Data: 22 de agosto de 2006, duração uma hora.

A insistência nesse padrão narrativo demonstra mais uma vez a tendência da literatura infantil à produção em série. Além disso é notável nesses grupo de obras, a ausência do folclore nacional. A ele recorrem apenas: Hernani Donato, em Novas aventuras de Pedro Malas artes (1949).⁵²

Martín-Barbero enfoca essa formulação dos feitos literários a partir da inovação da literatura de *cordel*, na Espanha e de *colportage*, na França. O veículo de transmissão da cultura escrita apresentando-se no formato de bem de consumo, lançando mão de recursos que garantam sua distribuição, com isso estreitando laços com as práticas publicitárias:

Temos assim um meio que, à diferença do livro e semelhança do periódico, vai buscar seus leitores na rua. E que apresenta uma feitura na qual o título é reclame e motivação, publicidade; segue-se ao título um resumo que proporciona ao leitor as chaves do argumento ou as utilidades a que se presta, e uma gravura que explora já a “magia” da demanda a tal ponto que os títulos e resumos acabam estereotipando-se até a fórmula que melhor consegue expressar cada gênero. Uma evolução que mostra a passagem de uma empresa de mera difusão – de romances, vilancicos e canções – a outra de composição de relações (notícias) dos acontecimentos e de almanaques. Evolução que acompanha a gestação do divórcio do gosto que desde fins do século XVII se aprofunda barateando a impressão dos textos e gravuras e exacerbando o sensacionalismo.⁵³

A ancestralidade das publicações atuais, pautadas essencialmente por critérios mercantis (dentre eles o lucro máximo, consumo exacerbado, produções homogeneizantes) tendo encontrando *corpus* através da literatura de cordel, são indícios do protótipo de uma indústria da cultura, ainda por consolidar-se e ser conhecida como

⁵² LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias Brasil**. São Paulo: Ática, 1987, p. 113.

⁵³ MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 158.

tal, mas já sendo fomentada de forma a apresentar expressiva capacidade de difusão e dinamismo produtivo. É incoerente não dedicar à coleção Vaga-Lume o tom de produto literário, composto de forma a atrair o maior número de leitores possíveis. A assistente do setor infanto-juvenil sabiamente nos apontou um importante recurso na apresentação dos livros Vaga-lumes.

*Muito gente não percebe, mas essa apresentação no verso do livro Vaga-lume, apresentando a capa de outros títulos, despertando interesse, é um chamativo e tanto para os meninos. Geralmente não fica só no livro indicado pela escola, as crianças nos procuram por conta de outros livros, pois contam que a história do livro do Xisto que leram foi muito legal, ou que o crime misterioso que resolvido por Léo, Gino, e Ângela tinha sido demais. Eu não sei você, mas eu acho que alguns livros não deveriam ser recomendados. Não sei se é por burrice minha, mas quando estudante tive que ler o Pequeno Príncipe, e não entendi nada, o livro não significou nada para mim, aliás, fiquei me sentindo burra por não ter compreendido. Hoje eu sei da metáfora que ele apresenta, quando era menina não tive essa capacidade. Eu não acho que essa seja uma boa leitura para a criança, fica mais difícil a criança tomar gosto pelos livros.*⁵⁴

⁵⁴ Entrevista concedida por Deise, assistente bibliotecária do setor infanto-juvenil da Biblioteca Municipal de Uberlândia. Data: dia 22 de agosto de 2006, duração uma hora.

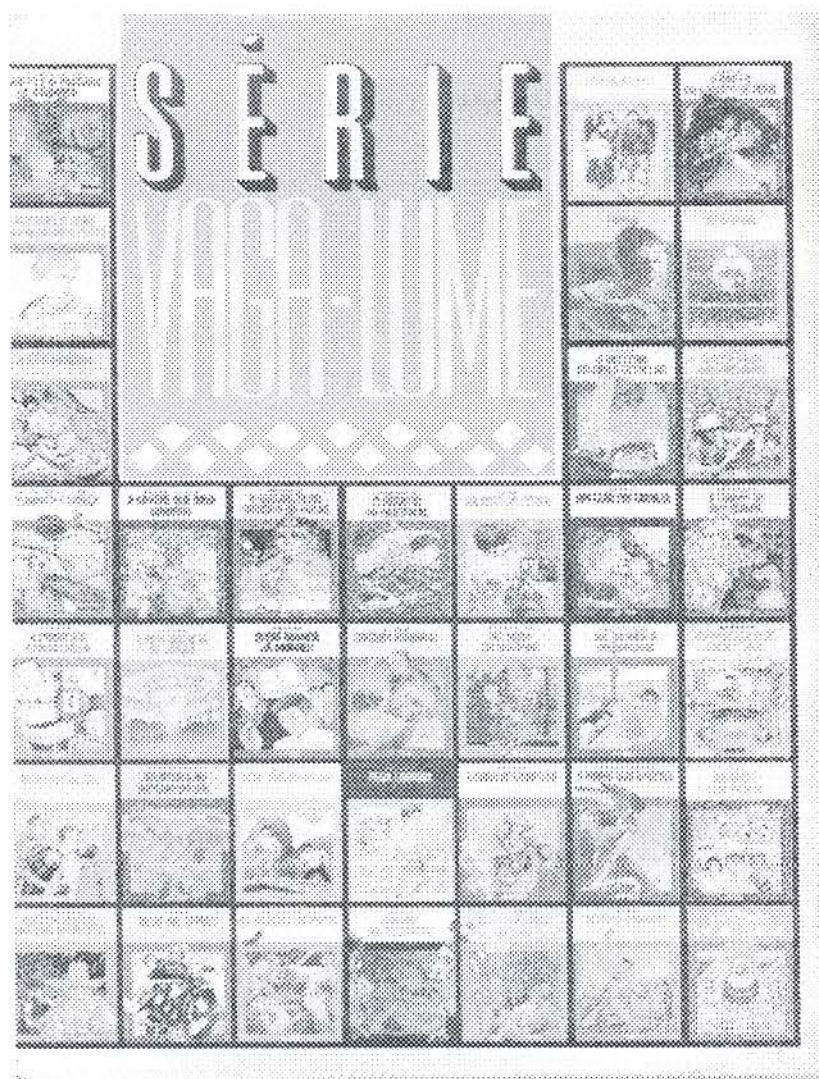


Ilustração 3

55

Essa predileção é claramente perceptível na fala de quem lê e mesmo de quem já leu anteriormente os livros da série. O entrevistado Ramon Nunes Mota, universitário, falou-nos com nítidas lembranças de livros que leu quando era criança, dentre as obras muitos exemplares da coleção Vaga-lume. Hoje é freqüentador esporádico da biblioteca municipal, mas é conhecido no espaço, pois já freqüentou assiduamente, quando era mais jovem.

⁵⁵ Contracapa do livro *Aventuras no Império do Sol* de Sílvia Cintra Franco. Ática, 1991. Imagem que demonstra um recurso da editora, que com a amostra de outros livros desperta a curiosidade dos leitores.

Eu sempre gostei muito de ler, minha família é grande, mas só tenho irmãs, eu não gostava de brincar com elas, sem contar que sempre tive problemas com minha saúde, por isso sempre fui mais sossegado. Minhas irmãs, mais velhas que eu, estavam sempre às voltas com os livros da escola, e eu me interessava. Sempre li, desde pequeno, e ainda leio até hoje. O tempo é curto por causa do trabalho e da faculdade, mas sempre que posso gosto de tomar emprestado um livro aqui na biblioteca municipal. Sinceramente não lembro se li os livros da coleção Vaga-Lume porque a escola mandava, eu sei que li muitos como Sozinha no Mundo, Escaravelho do Diabo, Um cadáver ouve Rádio. São livros muito bons, as histórias são bem elaboradas e acho que por conta delas não perdi o interesse por ler outros livros. Tem dois livros que eu não esqueço, foram especiais para mim são Meu pé de laranja lima e Éramos seis. São histórias emocionantes, nunca mais esqueci.⁵⁶

Uma série de fatores contribuem para que uma carga de leitura como a veiculada pela série Vaga-Lume tenha assumido ares de supremacia frente ao gosto de seu público consumidor. A infantilização da criança a partir da exacerbação de temáticas como a aventura, a diluição da natureza fundamental dos enredos tratados pela ficção científica e pela narrativa policial, além da acentuada marca de uso do personagem criança-jovem protagonizando os enredos, com isso estabelece-se empatia. Essa identificação serve para a disseminação da literatura em questão, ao mesmo tempo em que interpõe-se ao fato de a criança estabelecer outras opções de identificação que possam beneficiar-lhe com exemplos mais complexos e alternativos.

A função social da escola deve ser constantemente repensada, de modo que as arestas sejam aparadas, as castrações posta por terra, as segregações de qualquer natureza sejam abolidas. O objetivo do ensino deve extrapolar as proposições das grades curriculares, excedendo minúcias como os tratados matemáticos, as escolas literárias ou as leis físicas, almejando um conhecimento expandido, capaz de empreender a leitura do

⁵⁶ Entrevista concedida pelo universitário Ramon Nunes Mota, estudante do curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Uberlândia. Data: dia 01 de setembro de 2006, duração trinta minutos.

mundo, com suas infinitas faces e apresentações.

Benjamim em seu livro “A criança, o brinquedo , a educação” menciona um inusitado empreendimento educacional: teatro infantil, refere-se a um núcleo de educação proletário, erigida sobre a própria criança e não em contextos exteriores a ela. O propósito do teatro infantil contraria os valores do teatro burguês, este age em função de produzir sensações e alçar lucros monetários; o teatro infantil proletário é um ambiente de convivência social no qual a operação educacional é decorrência, o primordial é estimular na criança a responsabilidade por si mesma e a busca da vivência de sua infância.

Todavia , as encenações desse texto não são, como as do grande teatro da burguesia, a verdadeira meta do intenso trabalho coletivo desempenhado nos clubes infantis. Aqui, as apresentações acontecem de passagem, por descuido poderíamos dizer, quase como uma travessura das crianças, que interrompem dessa maneira o estudo, o qual, por princípio jamais é concluído. O diretor não dá muito valor a essa conclusão. Importam-lhe as tensões que se resolvem em tais apresentações. As tensões do trabalho coletivo são os verdadeiros educadores. O trabalho educativo, demasiado atrasado, imaturo, executado pelo diretor burguês sobre os atores da burguesia, não tem lugar nesse sistema. Por quê? Porque no clube infantil nenhum diretor poderia sustentar-se se quisesse empreender tentativa genuinamente burguesa de influir sobre as crianças, de maneira imediata, enquanto ‘personalidade moral’. Influência moral não existe aqui. Influência imediata não existe aqui. (E nessas baseia-se o trabalho de direção no teatro burguês). O que conta é única e exclusivamente a influência imediata do diretor sobre as crianças através de conteúdos, tarefas, promoções. A coletividade das próprias crianças encarrega-se das inevitáveis compensações morais e correções. Este é o motivo pelo qual as apresentações do teatro infantil atuam sobre os adultos como autêntica instância moral. No teatro infantil não há posição possível para um público superior. Aquele que ainda não se imbecilizou por completo, este sentirá talvez vergonha.⁵⁷

⁵⁷ BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984, p. 85

Esta proposta educacional é demasiado distante da prática que vivenciamos. Nossa pedagogia, tipicamente burguesa, age via um domínio formal e instituído, que repudia a possibilidade da criança agir livremente, ao contrário, zela por preceitos como ordem, uniformidade, disciplina.

Dentro da própria escola – nos degraus abaixo do superior – novos moldes de administração democrática precisam ser experimentados. Uma vez que as técnicas de administração utilizadas pelo estado vêm de forma crescente da indústria por um lado, e flexibilidade e iniciativa, por outro. Isso pode se constituir numa oportunidade para que grupos de professores, pais e estudantes comecem a estabelecer formas de administração menos burocráticas nas escolas, práticas que ensaiem as alternativas democráticas que estão agora lentamente crescendo em muitos locais de trabalho, práticas que serão menos românticas e mais conscientemente políticas que aquelas ensaiadas no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, em educação.⁵⁸

No contexto educacional o exercício da leitura é atividade intrínseca, afinal, ler é um típico ato escolar, interdisciplinar, instrumento de diversos saberes, biológicos, matemáticos, históricos, sobretudo instrumento de apreensão do mundo.

Pensando na prática leitora, de um lado o leitor, e de outro o livro, concluímos pela relevância que deve ser concedida à uma formação educacional-democrática, livre de determinações ou ranços autoritários. Por mais que haja protocolos de leitura imputados ao material impresso, as apropriações obtidas pela leitura são infinitas e de certa forma insubordinadas, pois cada leitor traz para o instante da leitura uma gama de elementos extra-textuais. Propostas como a do teatro infantil suscitam um método que retira a criança do jugo do adulto e libera-a para a realização de sua existência, para uma construção autêntica de iniciativas que permitam-na observar a realidade em seu redor e compreendê-la a partir de mecanismos conquistados autonomamente.

A coleção Vaga-lume com todos os seus livros, histórias, personagens, e ideologia subjacente será mais um meio alegórico de apresentação do cotidiano, porém não mais conseguindo envolver a criança sem que esta tenha discernimento para enten-

⁵⁸ APPLE, Michael. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 78.

tender e querer esse envolvimento, pois ela passará a deter o poder simbólico da palavra, ou seja, o conhecimento da palavra, concedendo a criança e ao jovem uma autonomia frente aos ditames da sociedade grafocêntrica.

CONCLUSÃO

A abordagem da coleção Vaga-lume, objetos de leituras, serviu-nos como norte na condução de um trabalho que teve como preocupação a pesquisa e um conseqüente conhecimento de como se dá a prática da leitura no ambiente escolar. Lembrando que referimo-nos ao exercício da leitura dizendo respeito não só ao sujeito que lê, mas a todo aquele que atua no contexto, seja escrevendo, editando, publicando, ensinando, estimulando. Essa é uma prática notadamente difundida pelos meios sociais, há quanto tempo permite a invenção da imprensa e além, muito antes de uma difusão mecanizada do escrito. Seus efeitos na história do homem são incontestáveis, seu alcance no tempo e no espaço físico imensuráveis, portanto é salutar historicizarmos nossa relação com a leitura, visando objetivar nossa relação com esse ato, livrando seu manuseio de qualquer ranço autoritário ou determinista.

A crença nos valores da cultura impressa foi a mola propulsora desse intento investigativo, lembrando que o fato de vivenciarmos uma sociedade declaradamente grafocêntrica corroborou essa crença. Os livros, os jornais, os periódicos, as revistas, os diários, os cartazes, os anúncios e qualquer veículo do impresso simbolizam forma de comunicação humana, porém não se dá como a fala, natural e fortuita. A elaboração da cultura escrita via estrutura codificada, seja através do nosso conhecido alfabeto ou através dos ideogramas orientais, é sinônimo de perpetuação mas também de segregação entre os homens. O mundo é um espectro de linguagens diversas, a semiótica é

consciência teórica dessa verdade, contudo a linguagem verbal, oral ou escrita predomina frente às outras linguagens não-verbais, relegando-as para um plano secundário, improdutivo.

Já tratamos da origem da escrita ligada a minorias interessadas em deter o controle do comércio, da religião, da cultura. Inicialmente as bibliotecas eram redutos onde os livros eram resguardados, situadas em mosteiros e por essa localização eram inacessíveis ao uso geral. O termo segregação caracteriza desde então a relação que os homens tem estabelecido com suas conquistas, dentre elas o registro escrito. Propomos questionar o quanto essa segregação é refletida no momento atual. O quanto a falta de acesso às bibliotecas declinou? Indubitavelmente não podemos encarar nossas bibliotecas como encerradas e inacessíveis, entretanto tendo em vista quanto tempo já decorreu da Idade Média até hoje devemos ponderar se esse espaço tornou-se verdadeiramente público, democrático. São apontamentos que nos permitem esboçar um recontexto para as práticas do escrito e da leitura, ou seja seus manuseios e propósitos.

Os livros da série Vaga-lume acarretam o histórico de leituras que nos propusemos a verificar, são os depósitos do escrito que nos permitem trabalhar com ciências já instituídas como a literatura, a teoria da comunicação. Apesar de objetivarmos o sujeito da leitura, ou seja, o operador da ação de ler não podemos desfazer do conhecimento que a análise de tais obras pode gerar. Tal conhecimento é elementar na mensuração dos efeitos que os livros, em particular os da coleção Vaga-lume, implicam para nossos estudantes. Não queremos simplesmente observar o ato físico da leitura, pois se esse instante já é capaz de nos indicar algo, o quão mais esclarecedor poderá ser os contextos circundantes e determinantes de tal exercício.

Não abrimos mão de tratar questões como a ordenação do organismo familiar e seus reflexos na trajetória do indivíduo; propostas editoriais para livros literários que irão compor os materiais de estudo de alunos da rede pública; a formatação, as avaliações e a obrigatoriedade do ensino, noções inerentes ao ambiente escolar e vistas tão pejorativamente pelos estudantes. O vínculo entre a arte e o pedagogia nas histórias infanto-juvenis, estabelecemos um verdadeiro questionamento acerca dessa junção, ora contestando a intromissão de valores doutrinantes na literatura para crianças, ora reconhecendo que se refletidas e ponderadas, tais valores poderiam auxiliar na formação educacional da nossa infância e juventude. São relações mercantis, institucionais, teóricas, sociais que permeiam o que poderíamos definir como simples : o ato de ler.

Entretanto adquirimos a compreensão desse exercício envolvido por uma série de propósitos que fogem ao da mera formação leitora.

Sabemos que as conclusões dessa pesquisa devem ser bem mais perspicazes, pontuando muito mais do que uma inadequada orientação pedagógica das disciplinas de português e por conseguinte uma desestruturada formação de leitores. Compreendemos que os horizontes dessa formação extrapolam as fronteiras do ambiente educacional e nos conscientizamos que o núcleo familiar detém acentuado poder de influência junto a essa ou mesmo a outras temáticas. Pelo fato de termos abordado o pacto estabelecido entre classes populares e a formação escolar, sabemos que por razões essencialmente econômicas a família nem sempre é contundente no que diz respeito a formação educacional de seus filhos, por isso credita essa missão à escola. Muito mais do que tratar questões circunscritas às escolas excedemos até o contexto familiar e remontamos a uma ordem mais abrangente. Apontamos contextos como é a sociedade que compomos, a cidade de Uberlândia, o estado Minas Gerais, Brasil, América Latina, o mundo, tratar de cada um desses espaços é inevitavelmente fazer referência ao imediatamente contíguo, porém lidando diretamente com o mais próximo temos condições de apreender realidades que estão dispersas na realidade maior.

Apesar de toda valoração creditada aos livros, à cultura escrita, apreendemos que esses são instrumentos largamente manuseados pelas ordem social que vivenciamos. Instituições como a indústria cultural ainda são preponderantes o bastante para se sobrepôr a qualquer outra iniciativa mais democrática, pelo menos em aparência, afinal de contas estão sempre a alardear seus feitos, o que torna decorrente a noção de que estão em condição majoritária. Sendo assim é custoso vislumbrarmos e acreditarmos em propostas solidárias, pelas quais tanto o escrito como outros direitos sejam compartilhados igualmente. Nesse instante de nossas reflexões ainda somos inaptos para enxergar alternativas e resistências efetivas, mesmo sabendo de seu conhecimento, afinal a realidade social é tão inóspita que por vezes sacoleja e desperta até o mais adormecido dos sujeitos, sendo assim é impossível que não haja uma reação a tanto despojamento de direitos essenciais. Entretanto uma revolução nos costumes culturais e mais justiça na distribuição do capital cultural ainda é uma questão utópica, principalmente quando concluímos que outras tantas conquistas, mais prementes, precisam ser alcançadas. Entretanto permanece a proposta para um outra pesquisa: sondar detidamente posturas, atitudes que denotem resistência, que contenham gérmen de conscientização através de práticas culturais que se consolidem coletivas e livres de

todo e qualquer determinação indicadas por instituições que não tenham vínculo com a renovação de valores culturais, econômicos e sociais.

Bibliografia

- ALMEIDA, Lucia Machado. **Aventuras de Xisto**. São Paulo: Ática, 1989.
- APPLE, Michael. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. São Paulo: Europa-América, 1976
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quiron/Global, 1982.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.24
- DUBY, G & ÁRIES, P & LADURIE, E. L. & GOFF, JACQUES LE **História e nova história**. Campinas: Teorema, 1989.
- GAGNEBI, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. São Paulo: Imago, 1997.
- GUY, Bourdieu & HERVÉ, Martin. **As escolas históricas**. São Paulo: Fórum História, 1957.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação leitora no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

18 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Textos.v.III.** São Paulo: Edições Sociais, 1978. p. 301-2

MIRANDA, Jose Fernando. **Estória infantil em sala de aula. Semiótica de personagens.** Porto Alegre: Sulina, 1978.

PERROTI, Edmir. **O texto Sedutor na Literatura Infantil.** São Paulo: Ícone, 1996.

PRADO, Bento & PESSANHA, Jose Américo & NEVES, Luis Felipe Baeta. **Narrativa: ficção e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.

PUNTEL, Luiz. **Açúcar Amargo.** São Paulo: Ática, 1997.

SALVATORE, Donofrio. **Teoria do Texto1. Prolegômenos e teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras.** Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SCARPIT, Robert. **Sociologia da Literatura.** Lisboa: Arcádia, 1975.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Braziliense, 1985.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil.** Ática, 1991.

WALTY, Ivete Lara Camargos. & FONSECA, Maria Nazareth Soares. & CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e Imagem: leituras cruzadas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona, Provenza 1977, p.40.

Revistas e periódicos

MIRANDA, Sônia Regina & DE LUCA, Tânia Regina. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD** IN: Revista Brasileira de História- Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol.24, n.48, julho-dez2004.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral** IN: Revista Brasileira de História – Órgão da Associação Nacional dos Professores Universitários de História – São Paulo, ANPUH/Marco Zero , vol.9, n.19, setembro de 1989/fevereiro de 1990.

Fontes Literárias

ALMEIDA, Lucia Machado. **Aventuras de Xisto**. São Paulo: Ática, 1989.

FRANCO, Silvia Cintra. **Aventuras no Império do Sol**. São Paulo: Ática, 1991.

PUNTEL, Luiz. **Açúcar Amargo**. São Paulo: Ática, 1997.

Fontes Orais

Entrevista concedida pela aluna Maria Paula Teixeira, da sexta-série, da Escola Estadual Bueno Brandão. Data: dia 05 de agosto de 2006, duração: trinta e cinco minutos.

Entrevista concedida pela Profa. Olga, da disciplina de português, do colégio Bueno Brandão. Data: 04 de setembro de 2006, duração: cinquenta minutos.

Entrevista concedida por Deise, assistente bibliotecária do setor infanto-juvenil, da Biblioteca Municipal de Uberlândia. Data: 22 de agosto de 2006, duração uma hora.

Entrevista concedida por Ramon Nunes Mota, estudante do curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Uberlândia. Data: dia 01 de setembro de 2006, duração trinta minutos.

Fontes Eletrônicas

* Pesquisa realizada dia 05 de agosto de 2006 às 15:30, endereço eletrônico:

<http://www.atica.com.br>, para visualização do catálogo *on line*, e informações sobre a coleção Vaga-lume publicada pela citada editora.